

BIMUNDIAIOO  
IAVRA  
BOOOKS  
JOHIN  
BERGER  
DIAIOGO  
COMSARAMAGO

*Editorial*

# **HERDEIROS DE SARAMAGO**

*Leituras*

SARA FIGUEIREDO COSTA

*Estante*

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

# **JOHN BERGER**

SARA FIGUEIREDO COSTA

**A CASA DA ANDREA**

ANDREA ZAMORANO

# **TARA BOOKS**

*And the winner is... / Espelho Meu*

ANDREIA BRITES

# **DIÁLOGO COM SARAMAGO**

KATHRYN BISHOP-SANCHEZ

**AGENDA**

*Epígrafe*

JOSE SARAMAGO

blimunda n.º 100 nov/dez 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 - 1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org - www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade  
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser  
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação  
José Saramago  
The José Saramago  
Foundation  
Casa dos Bicos

## Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sex / Mon to Fri  
11-17h / 11 am to 5 pm  
Sáb / Sat  
10-18h / 10 am to 6 pm



# EDITORIAL

# ***HERDEIROS DE***

# ***SARAMAGO***

«E agora quero também agradecer aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de agora: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar», disse José Saramago ao receber o Prémio Nobel de Literatura em Estocolmo, em dezembro de 1998. Dias depois a Fundação Círculo de Leitores criou o Prémio Literário José Saramago com o intuito de distinguir obras literárias escritas em português por jovens autores/as. Entregue pela primeira vez em 1999, a cada dois anos, o galardão já reconheceu o talento de 11 escritores e escritoras: Paulo José Miranda, José Luis Peixoto, Adriana Lisboa, Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, João Tordo, Andréa del Fuego, Ondjaki, Bruno Vieira Amaral, Julián Fuks e Afonso Reis Cabral.

Se já conhecíamos a obra desses galardoados, agora é possível aproximarmo-nos um pouco mais da vida de cada um deles graças à série documental *Herdeiros de Saramago*, de autoria de Carlos Vaz Marques e realização de Graça Castanheira, exibida na RTP 1 (e disponível na plataforma RTPPlay). Com maestria e bom gosto, a dupla acompanha o dia a dia dos «herdeiros», nos seus ambientes de trabalho, nas suas horas de lazer, no convívio com família e amigos. A história pessoal de cada um dos retratados entrelaça-se de maneira orgânica com as histórias que decidiram contar nos livros, numa atmosfera em que vida e ficção não se separam, sem colocar a literatura num pedestal. Talvez seja esse o maior trunfo desse trabalho de Vaz Marques e Castanheira, não só mapeia boa parte da mais interessante e viva produção literária que está a ser feita hoje em língua portuguesa, como a aproxima do público em geral ao demonstrar que aqueles que escrevem ficção também vão ao mercado, trocam fralda, frequentam bares, andam de bicicleta e até lutam boxe.

Ao ser exibida na televisão pública, em horário nobre, a série *Herdeiros de Saramago* eleva a literatura a um lugar de prestígio e demonstra que os livros podem (e devem) ser tão populares como o futebol e os programas de entretenimento. Esperamos que Carlos Vaz Marques e Graça Castanheira continuem a usar o talento que têm para retratar escritores e escritoras, de agora e do passado, e dessa forma revelar um pouco mais das literaturas em língua portuguesa.

# SARA FIGUEIREDO COSTA

## *LEITURAS*

B  
R  
U  
N  
O  
  
C  
A  
N  
D  
É



# Lutar Contra O Racismo

**«É importante perceber que essa violência é histórica, estrutural e cíclica, de um sistema que se adapta mas nunca muda.»**

O jornal *Mapa* publicou, na sua edição impressa, um conjunto de depoimentos de quem vive o racismo no dia a dia em Portugal, sabendo-o estrutural e sistémico. Entre os assassinatos de George Floyd pela polícia norte-americana e de Bruno Candé por um homem que sobre ele disparou balas e insultos racistas, é imprescindível escutar quem denuncia um quotidiano histórica e permanentemente marcado pelo preconceito racial. Dois exemplos:

«Maria Fernandes: Tal como muitas outras pessoas negras, africanas e afrodescendentes em Portugal, senti a necessidade de sair à rua e manifestar-me contra o racismo. O George Floyd foi a última vítima, mas nos EUA existem assassinatos constantes de afro-americanos pela polícia. É importante perceber que essa violência é histórica, estrutural e cíclica, de um sistema que se adapta mas nunca muda. Com o fim da escravatura surge outra forma de supressão, como as leis de Jim Crow, o encarceramento em massa, e por aí adiante, com o objetivo principal de classificar a comunidade afro como inferior.» (Maria Fernandes)

«É o movimento que se gera sempre depois da morte de cada um de nós. Não é como dantes que se matavam mil George Floyds e ninguém sabia, a não ser os familiares. Hoje em dia todos temos conhecimento porque as redes sociais no-lo permitem. E logo a manifestação ser mais global. Esse movimento é importante e necessário, cada vez mais. Para quem está do lado de fora da luta, quem nunca teve a necessidade de sair à rua e gritar por alguém que foi morto pela polícia ou por esse sistema racista e homofóbico, parece mais um show de carnaval. Como se as pessoas fossem a uma parada e depois voltam a casa e as suas vidas continuam. Mas para quem está dentro da luta, levamos para casa a insegurança, o medo e o pesadelo de que amanhã podemos ser nós, podem ser os nossos irmãos, pode ser outra pessoa que a gente conhece, ou não – mas vai ser mais uma pessoa negra. Essas manifestações são espaços de pôr a nossa dor em exposição, pôr a nossa dor pública, pedir empatia. Eu não acredito que essa justiça capitalista, a justiça na Terra, neste estado físico em que a gente vive, vá acontecer muito cedo. Mas estamos a pedir empatia. É algo muito difícil que essas pessoas detentoras do poder possam vir a ter para connosco, porque tão pouco nos veem como humanos. Não passamos de vítimas, de animais, de povo não civilizado. Isso é o que esse sistema alimenta sobre nós. Por isso é importante que a gente comece a pensar a justiça pelas nossas próprias mãos.»

(Lolo) ▶



# Robert Fisk: a morte de um grande repórter

**«Fisk assumiu sempre o papel de testemunha que procurava olhar atentamente para o lado mais fraco – e menos escutado.»**

Morreu Robert Fisk, o repórter que acompanhou quase todos os conflitos que marcaram a segunda metade do século XX e os primeiros anos do XXI. Pouco adepto da ideia de neutralidade total no trabalho jornalístico, Fisk assumiu sempre o papel de testemunha que procurava olhar atentamente para o lado mais fraco – e menos escutado. No diário *El País*, Rafa de Miguel assina o obituário do jornalista britânico: «Crítico con los compañeros de profesión que informaban u opinaban de la región más convulsa del planeta sin levantarse de sus mesas de redacción, Fisk fue testigo directo de la sangrienta guerra civil del Líbano, la revolución iraní de 1979, la invasión soviética de Afganistán y la lucha de los talibanes o el conflicto entre Irán e Irak. A medida que profundizaba su conocimiento sobre la zona, sus opiniones sobre los gobiernos occidentales, y especialmente contra Estados Unidos e Israel, se volvían más ácidas y polémicas.» E, mais adiante, exemplifica um dos seus gestos comprometidos com a necessidade

de compreender o mundo, contando-o: «Quando viajó a Afeganistán, después de los atentados contra las Torres Gemelas de Nueva York, fue atacado por un grupo de refugiados afganos en la frontera con Pakistán. Fisk convirtió el incidente en una noticia de primera página en la que analizó, de un modo despersonalizado, las causas de tanta rabia. “Me di cuenta de que todos ellos eran hombres y niños cuya brutalidad era completamente el producto de otros. De nosotros, que les armamos para combatir a los rusos pero ignoramos su sufrimiento y nos reímos de su guerra civil”, escribió.» ▶

## Ofício da tradução

**«Quando estou a traduzir, quero que o leitor português leia aquele livro sem sentir que está a ler uma tradução, sem sentir a minha presença. É quase como se fosse uma ghost writer.»**

Na revista *Gerador*, publica-se uma entrevista com Tânia Ganho sobre o labor da tradução literária. Tradutora há mais de duas décadas, a também escritora fala à jornalista Carolina Franco sobre as dificuldades e os rigores do seu

ofício, partilhando algumas trocas de impressões com escritores cujas obras já traduziu: «Um exemplo de um autor que eu traduzi e com o qual não pude conversar, porque já cá não está, é o John Williams, que escreveu *Stoner*. Ao longo da tradução, naturalmente surgiram dúvidas, e o desafio é completamente diferente quando não temos o autor ao nosso dispor para nos responder. É um trabalho talvez mais criativo, de interpretação, tem mais margem de manobra para seguir a intuição. E esse foi um livro que adorei traduzir. Mas ultimamente tenho traduzido só autores vivos, aos quais posso enviar e-mails — e sou muito, muito insistente, envio e-mails com as minhas dúvidas todas. Tem sido uma experiência muito enriquecedora, porque a maior parte dos autores, quando percebe a importância da tradução (e que uma má tradução destrói o livro original), são extremamente atenciosos, tiram-me todas as dúvidas. Isto aconteceu-me com a Rachel Cusk, como eu tinha contado; eu estava em Paris na altura, ela foi lá fazer o lançamento de um livro, fomos tomar um café, e depois disso já estivemos juntas num festival literário. O Allan Hollinghurst, que conheci cá em Lisboa, foi de uma simpatia enorme... até me enviou fotografias de coisas que eu tinha perguntado o que eram, por exemplo a fotografia do edifício que descrevia no livro. A Chimamanda [Adichie] também conheci em Paris, num festival literário, fui-lhe tirar as minhas dúvidas a 10 minutos de ela ir embora. Tem sido uma experiência muito boa! E é muito mais fácil traduzir quantos podemos tirar

as dúvidas diretamente com os autores, porque há menos interpretação, menos risco.» Sobre a possibilidade de o trabalho de tradução ser igualmente um trabalho autoral, diz Tânia Ganho: «Eu acho que acaba por ser sempre um trabalho autoral. Enquanto autora e tradutora, quando estou a traduzir, acho que há muito de mim na tradução e que cada tradutor tem o seu estilo. Por muito que tente seguir o estilo do autor que está a traduzir, há sempre um cunho pessoal. Nesse sentido, sim, é um trabalho autoral, mas tento sempre ser o mais invisível possível. Quando estou a traduzir, quero que o leitor português leia aquele livro sem sentir que está a ler uma tradução, sem sentir a minha presença. É assumidamente um trabalho de bastidores. É quase como se fosse uma *ghost writer*. E por alguma razão há várias traduções do mesmo livro, feitas por diferentes tradutores, que por vezes são completamente diferentes. É um trabalho autoral que tem de ser discreto.» ▶



## Mia Couto em entrevista

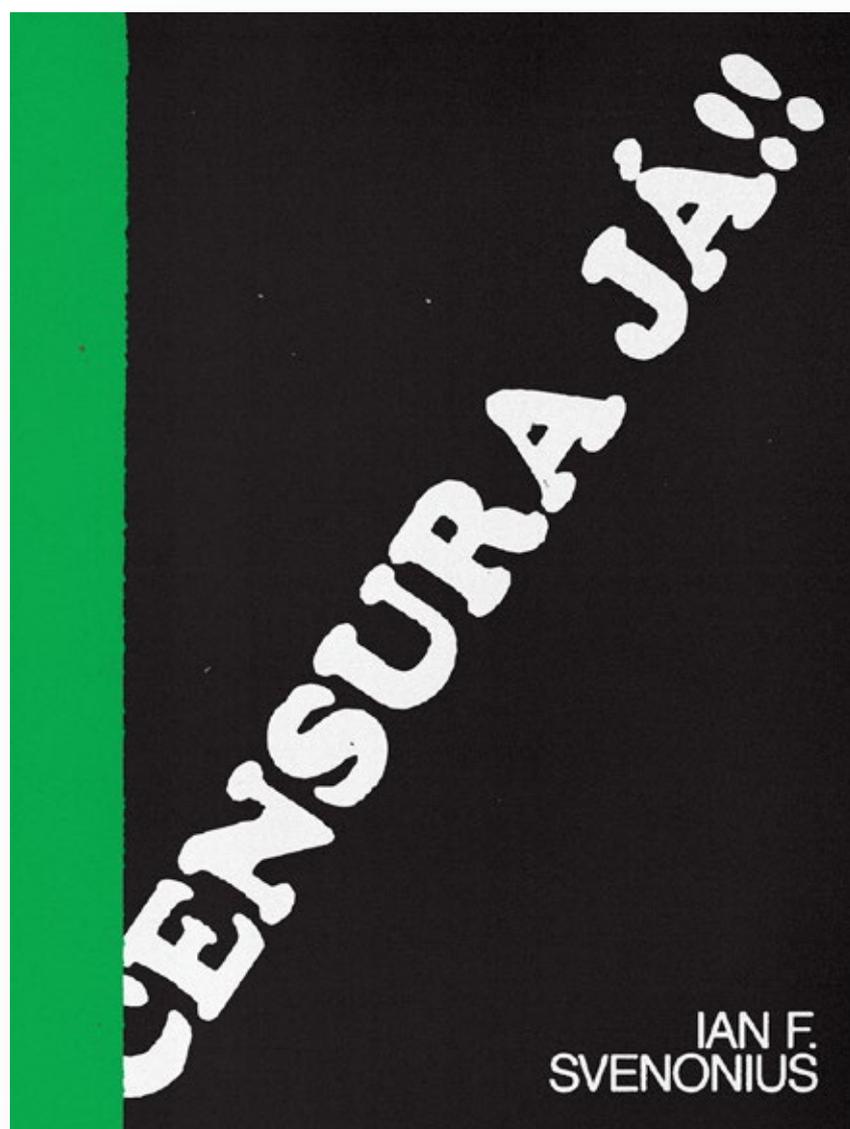
O jornal brasileiro *Nexo* publica uma entrevista com Mia Couto, autor do recentemente lançado ***Mapeador de Ausências*** (Caminho). Língua, literatura e os efeitos devastadores do furacão Idai na região moçambicana da Beira são alguns dos temas abordados pelo escritor no vídeo que o *Nexo* disponibiliza no seu site. ▶

**M  
I  
A  
  
C  
O  
U  
T  
O**



**SARA FIGUEIREDO COSTA**  
***LEITURAS***

***Ironia ou paranóia,  
o mundo continua um caos***



***CENSURA JÁ!!***  
**IAN F. SVENONIUS**  
**CHILI COM CARNE**  
**TRADUÇÃO DE ONDINA PIRES**

Ian F. Svenonius é uma figura ímpar daquilo a que ainda podemos chamar contra-cultura nos Estados Unidos da América. Nascido em Chicago, em 1968, o seu percurso tem passado sobretudo pela música, em bandas como Nation of Ulysses, Weird War, XYZ, Escape-ism ou Chain and The Gand, não encerrando aí a sua intervenção no mundo. Pensador inquieto e sempre interrogando as instâncias que organizam comunidades, países e o mundo, tem escrito em diferentes publicações sobre temas como o consumo, a política, a omnipresença da internet ou a música. O livro que a Chili Com Carne agora publica reúne textos escritos para publicações como a Vice ou a Jacobin, entre outras, e teve a sua edição norte-americana em 2015, sem que a maioria dos artigos tenha perdido grande actualidade.

O discurso de Svenonius é tão estruturado como fechado sobre si próprio, tornando difícil decidir se é a convicção cega que o anima ou a ironia. O mais certo é serem ambas, sem que o autor dê demasiada importância a qual delas prevalece na recepção. Falará a sério quando diz que o twist alienou as pessoas e que, aliado à invenção da pílula, foi responsável por um individualismo exacerbado? Ou que o IKEA se aliou à Apple num plano para acabar com a acumulação de objectos, entretanto substituídos por coisas virtuais, e para destruir a harmonia das relações conjugais com os seus manuais de instruções impossíveis de cumprir sem conflito? A capacidade de disparar em múltiplas

direcções, mais focado na libertação dos projecteis do que no seu trajecto ou eficácia, inclina a leitura para esse registo irónico, mas a assertividade de certas afirmações aponta no sentido inverso, como quando afirma que os muçulmanos dominaram a Península Ibérica apenas porque tinham açúcar... Já em *The Psychic Soviet*, livrinho onde reuniu um conjunto de ensaios que tanto falam sobre o fim da Guerra Fria como sobre a ascensão consumista do rock'n'roll, e que sugeriu que pudesse ser usado como uma espécie de autoridade, à semelhança de uma *Bíblia*, em certas discussões sobre o mundo, Svenonius tinha assumido essa dualidade como modo de acção, pelo que talvez não reste aos leitores mais do que navegar na indefinição e ir lendo os textos sem a certeza do modo como querem inscrever-se no espaço colectivo.

Ironia iconoclasta ou conspiração desenfreada, o pensamento de Svenonius não deixa de ser um manancial de pontos de partida para o questionamento de tantas ideias que assumimos sem discussão. As reflexões que o autor desenvolve neste *Censura Já!!* sobre a sociedade de consumo, os meios de controlo de multidões ou a omissão de certos discursos a partir do seu silenciamento por via da lei do mercado são sempre pertinentes, muitas vezes fundamentadas numa observação atenta dos mecanismos de relação social e de agenciamento cultural, e sempre com espaço para a subjectividade assumida das suas posições. O problema é o escorregar frequente para um exagero alucinado

que acaba por esvaziar a pertinência da reflexão, como quando compara a Wikipédia à Stasi, polícia política da Alemanha de Leste, não revelando ponta de ironia nesse exercício.

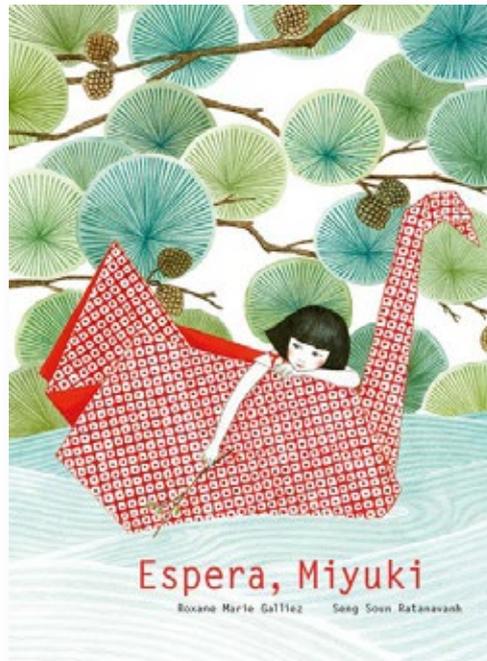
*Censura Já!!* é um livro que merece leitura atenta e reflexão, talvez nestes tempos mais do que nunca (ou talvez esta seja uma sensação intemporal, mas sempre vivida como se fosse de agora). A partir dessa reflexão, que possibilita múltiplos caminhos, questões e formas de repensar o mundo, parece inevitável chegar à conclusão de que estaremos perante um conjunto de textos que muito devem à rédea solta das teorias da conspiração, um torvelinho de ideias dispersas e fragmentadas que parecem oferecer o amparo de explicar as contradições da existência. E ainda assim, não deixamos de estar perante textos que contêm perguntas às quais vale a pena dedicar tempo, sabendo que as respostas aqui oferecidas são umas vezes pertinentemente justificadas por uma certa leitura do mundo, outras cabalmente paranóicas, naquele registo que, de tão rebuscado, já não admite contraditório. De qualquer modo, Svenonius confirma que o gesto sempre inacabado de querer perceber o mundo também passa por leituras onde não há reflexo possível (na verdade, nem temos a certeza de estar perante um espelho ou um artefacto que distorce propositadamente os feixes de luz apreensíveis pelo olhar), mesmo que em muitos excertos consigamos vislumbrar um rasgo de identificação.



ANDREIA  
BRITES

SARA FIGUEIREDO  
COSTA

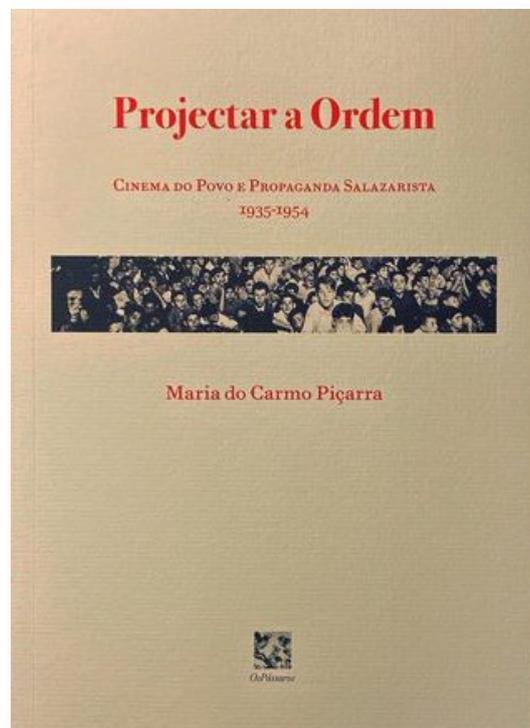
ESTANTE



# *ESPERA, MIYUKI*

ROXANE MARIE GALLIEZ  
SENG SOUN RATANAVANH  
ORFEU NEGRO

Nesta parábola sobre a lentidão e o respeito pelos ritmos da natureza uma menina anseia pelo desabrochar de uma flor no primeiro dia de primavera. A experiência da ansiedade e da ação permite-lhe refletir, com a ajuda do sábio avô, sobre o seu próprio desejo. A ilustração aposta em padrões e formas do universo bucólico, com forte presença do branco para acentuar a claridade e limpidez da narrativa, acrescentando-lhe um sentido estético harmonioso e equilibrado.



# *PROJECTAR A ORDEM*

*– CINEMA DO POVO E PROPAGANDA  
SALAZARISTA 1935-1954*

**MARIA DO CARMO PIÇARRA**  
**OS PÁSSAROS**

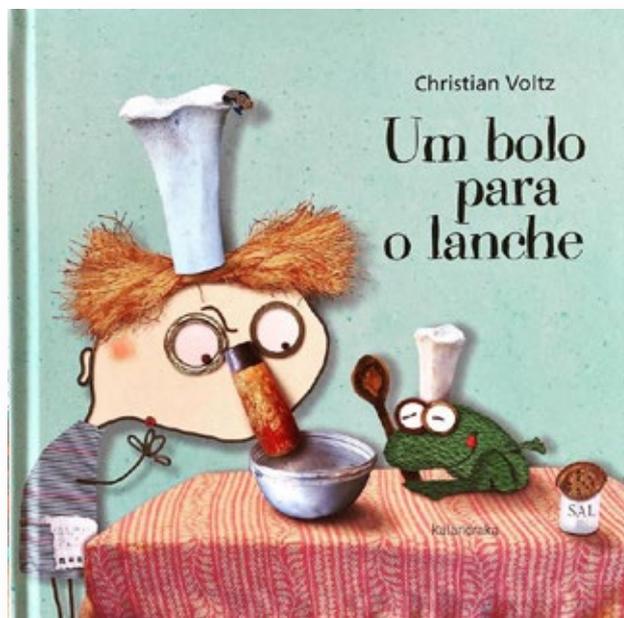
Entre o cinema e a história recente de Portugal, um estudo detalhado sobre as relações entre o grande ecrã e a propaganda através da acção do Cinema Ambulante do Secretariado Nacional da Propaganda e do Cinema do Povo, que levaram filmes de elogio ao regime a inúmeros locais, de grandes praças a pequenos pátios de escolas em aldeias mais ou menos remotas.



# CHICAGO-MARTE POR 15 CENTAVOS.

*UNA HISTORIA DE LAS REVISTAS PULP*  
**JAVIER JIMÉNEZ BARCO**  
**DIÁBOLO EDICIONES**

Um percurso pelas páginas de papel barato que compunham as revistas pulp, esse fenómeno do século XX onde nasceram mitos da literatura popular como Tarzan ou Fu Manchú e onde se desenvolveram de modo peculiar géneros literários como a ficção científica ou os policiais.



# *UM BOLO PARA O LANCHE*

**CHRISTIAN VOLTZ**  
**KALANDRAKA**

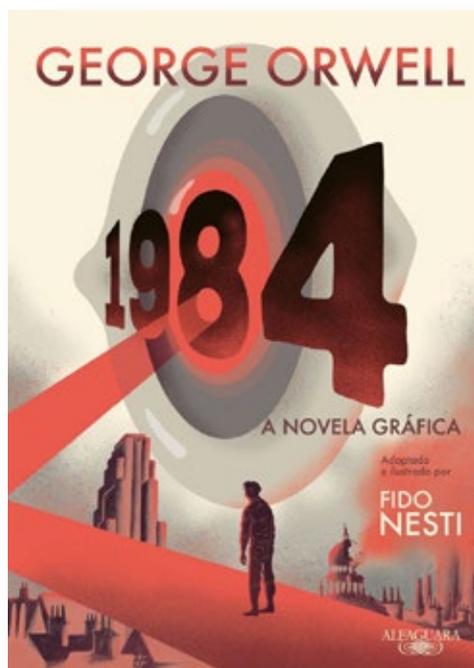
No seu estilo muito característico o ilustrador regressa ao tópico dos vegetais, agora no prato e não na terra. Desta feita há um convite para o lanche e o cozinheiro depara-se com dúvidas sobre como cozinhar um bolo. A ajuda de alguns animais resultará num prato surpreendente que, não sendo um bolo, vai agradar à convidada. A composição plástica do álbum, com recurso à colagem e a materiais de texturas diversas, entre fibras, cabos de madeira, taças ou colheres de pau, reforça o sentido histriónico do humor de Christian Voltz.



# *O CÂNONE*

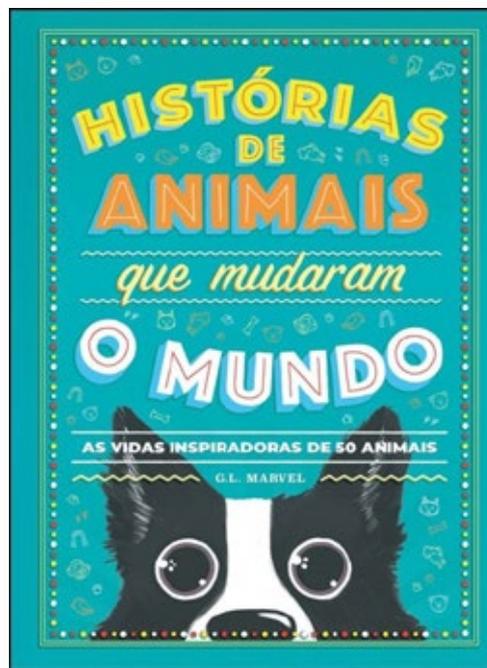
ANTÓNIO M. FEIJÓ, JOÃO R. FIGUEIREDO  
E MIGUEL TAMEN (ORG.)  
TINTA DA CHINA

Chama-se *O Câne*, mas assume não ser a escolha das escolhas, aquela que quer ser lei. Neste volume, reúnem-se ensaios de crítica literária e propõe-se um percurso, feito de vários olhares e leituras, sobre a história da literatura portuguesa. São cinquenta autores, para além de grupos, escolas, movimentos e revistas, a partir dos quais se afirma uma espécie de ponto da situação.



*1984*  
**FIDO NESTI**  
**(A PARTIR DE GEORGE ORWELL)**  
**ALFAGUARA**

O autor brasileiro Fido Nesti assumiu a tarefa de recriar o romance mais famoso de George Orwell em banda desenhada, numa versão que não se deixa dominar pelas referências do filme de Michael Radford, criando o seu próprio universo visual a partir do texto original.



# *HISTÓRIAS DE ANIMAIS QUE MUDARAM O MUNDO*

**MARCELO E. MAZZANTI  
MAR GUIXÉ  
NUVEM DE TINTA**

Organizado por temas, este livro segue a lógica de outros títulos como *Histórias de adormecer para Raparigas Rebeldes* ou *Histórias para Rapazes que ousam ser Diferentes*. A cada página par, a história de um animal que se destacou na ciência, no resgate de alguém ou por uma capacidade extraordinária é relatada de forma muito sucinta, dando ênfase às características do animal em destaque. Nas páginas ímpares, por seu turno, encontra-se o retrato ilustrado da personagem. Serve como introdução à História e alimenta a curiosidade enciclopédica, embora quer o texto quer a imagem não vão além do superficial.



# *UMA HISTÓRIA POPULAR DO FUTEBOL*

**MICKAËL CARREIRA**  
**ORFEU NEGRO**

Voltando as costas ao futebol dos grandes negócios, às transacções milionárias e aos clubes como marcas de consumo, Mickaël Carreira percorre a história do futebol a partir das lutas políticas, da conquista de espaço e direitos pelos mais desfavorecidos, da afirmação de identidades e vozes que encontram na troca de bola um modo de socializar, debater e lutar.

**E  
S**

**T A N T E**

*sara  
figueiredo  
costa*

*john  
ber-  
ger*

*perfil de um  
renascentista  
do século xx*

Quando publicou **G**, romance ambientado numa Europa anterior à I Guerra mundial, John Berger queria testar certos limites da linearidade narrativa, mas igualmente criar uma personagem ficcional que reflectisse uma ideia do mundo assente na luta de classes. Estávamos em 1972 e, entre experimentalismo e teoria marxista, o romance do autor inglês acabou por dever grande parte da sua fama ao modo explícito como abordava as aventuras sexuais do protagonista. Nesse mesmo ano, **G** vale a John Berger o Man Booker Prize e o reconhecimento de **G** volta a ampliar-se, desta vez por causa do prémio. No discurso com que aceitou o galardão, Berger falou abertamente sobre a origem pouco nobre do financiamento do Booker, a produção e comercialização de açúcar com a respectiva exploração desumana da mão de obra que dele tratava na região do Caribe. Houve quem se questionasse sobre que sentido fazia alguém que se opunha veementemente a tal exploração aceitar um prémio tão pouco ético e se a discussão em torno do tema nunca se apagou, John Berger parece ter resolvido qualquer dilema oferecendo metade das cinco mil libras esterlinas ao ramo britânico das Panteras Negras, usando o restante para financiar novos trabalhos.

**G** não está editado em Portugal, ao contrário de outros livros do autor que a Antígona tem vindo a publicar nos últimos anos. Até agora, são cinco livros seleccionados entre os mais de sessenta que John Berger publicou ao longo da vida, permitindo um relance significativo sobre os muitos interesses do autor e sobretudo sobre o modo como cruzou áreas de criação e conhecimento, nunca reconhecendo fronteiras quando se tratava do pensamento.

John Berger era estudante de arte na Central School of Arts



and Crafts quando a II Guerra o transformou em soldado. Entre 1944 e 1946 esteve incorporado no exército inglês, regressando aos estudos depois desse interregno, desta vez focado no desenho e na pintura, na Chelsea School of Art. O seu trabalho espalha-se desde cedo em muitas direcções, cruzando a prática artística com a reflexão sobre a arte e a sua história e trilhando, simultaneamente, um caminho na literatura. Entre o final da década de 50 e o início da seguinte, publicou um primeiro romance, *A Painter*, e um volume de ensaios sobre arte, *Permanent Red: Essays in Seeing*, que já revelava um interesse profundo sobre o modo como vemos as obras de arte.

O reconhecimento público generalizado chegará apenas na década seguinte, com o programa *Ways of Seeing*, na BBC. Em quatro episódios, John Berger percorreu vários capítulos da história da arte universal, com foco no Ocidente, revelando sentidos e questões ideológicas e conquistando um público surpreendido com novos modos de olhar para a criação artística e a sua presença no mundo. Pouco depois, publica-se o livro com o mesmo nome do programa, um dos que a Antígona já disponibilizou em português. *Modos de Ver* parte da lógica de observação, indagação e comentário que Berger seguiu na BBC e apresenta um conjunto de sete ensaios, muitos deles acompanhados de reproduções de obras de arte ou pequenos detalhes de algumas destas obras (e dois compostos exclusivamente por imagens), que se desenvolvem em torno de questões como a equiparação entre a posse de um quadro e a posse do que nele se representa, a omnipresença de imagens através da publicidade ou as representações do género e dos papéis a ele associados ao longo de vários séculos. Tal como acontecia no ecrã, *Modos de*

**«Os trabalhadores  
migrantes são  
imortais:  
imortais porque  
continuamente  
substituíveis. Não  
nasceram: não foram  
criados: não  
envelhecem: não  
se cansam: não  
morrem. Têm uma só  
função – trabalhar.»**

**Um Sétimo Homem**

# Um Sétimo Homem

John Berger  
Jean Mohr



Tradução  
Jorge Leandro Rosa

ANTÍGONA

*Ver* convoca uma imensidade de perguntas e inquietações sobre o modo como olhamos para um quadro, uma escultura, uma imagem. Até que ponto podemos considerar que o que vemos existe em abstracto, sem a presença de um contexto histórico, social, cultural, e sem a nossa própria presença?

Três anos depois, em 1975, Berger junta-se ao fotógrafo Jean Mohr num livro sobre os trabalhadores migrantes na Europa. ***Um Sétimo Homem***, publicado pela Antígona em 2019, terá sido financiado com parte do dinheiro que o autor arrecadou com o Man Booker Prize e que lhe permitiu, a ele e a Jean Mohr, registarem de modo simultaneamente realista e poético o duro quotidiano destes trabalhadores ao longo de quase três anos. Quando escritor e fotógrafo se juntaram para fazer este livro, o ponto de partida era a urgência de mostrar aos leitores que o crescimento das economias europeias mais a norte, verificado a partir dos anos 60 do século XX, não teria existido sem a força de trabalho migrante, quase sempre originária de países mais pobres. Desvalorizado por muitos críticos ingleses e apontado como um mero panfleto, *Um Sétimo Homem* acabou por ter várias traduções feitas precisamente em países do Sul, de onde parte dessa força migrante era originária. Hoje, mais de quatro décadas depois da sua publicação original, o livro de Berger e Mohr está traduzido e editado em vários pontos do mundo, compondo uma obra que continua a reflectir as falhas profundas de um sistema económico e social que se foi moldando com o tempo sem nunca deixar de se alimentar da força de trabalho, explorada e mal paga, que garante a sua continuidade.

Em ***Porquê Olhar os Animais*** (editado pela Antígona em 2020), uma antologia de ensaios escritos entre 1971 e 2001, o

*«Os animais são sempre os observados. O facto de podermos observar-nos perdeu qualquer significado. O que deles sabemos é um indicador do nosso poder, e portanto um indicador do que deles nos separa.»*

***Porquê Olhar os Animais***

# Porquê Olhar os Animais? John Berger

Tradução  
Jorge Leandro Rosa



ANTÍGONA

autor volta a cruzar olhar e política, desta vez para uma reflexão multidisciplinar sobre a nossa relação com a natureza e o modo como essa relação tem vindo a degradar-se. Entre a sublimação simbólica do mundo dito primitivo e a versão devotada ao entretenimento que hoje atravessa a contemporaneidade, Berger divaga por períodos históricos, contextos sociais e movimentos artísticos com erudição rara, confirmando a sua pulsão primordial para o acto de pensar, sempre entendido como uma espécie de rebeldia, mesmo que profundamente fundamentada. Essa mesma rebeldia ganha forma num outro livro, este com edição portuguesa de 2018 (dez anos após a sua publicação original), onde Berger se atira ao presente com uma urgência notável, procurando perceber a lógica neo-liberal que vai oleando as juntas do mundo, mesmo que nele se contem países aparentemente fora dessa lógica. Assumindo que caminhamos para um estado de encarceramento generalizado, onde a produção de bens não-essenciais, o comércio e a informação se transformam numa amálgama onde tudo é consumo e da qual parecemos não conseguir fugir, o autor põe a hipótese de estar exactamente aí, no lugar da prisão, a possível derrocada das suas grades: «A liberdade está lentamente a ser descoberta, não no exterior da prisão, mas nas suas profundezas.»

O mais recente livro de John Berger a chegar às livrarias portuguesas, *Fotocópias*, foi originalmente publicado em 1996 e reúne vinte e oito histórias breves. Entre o exercício ficcional e o registo de uma deambulação mental em torno do quotidiano, o autor percorre lugares, memórias e encontros. Numa das histórias, «Uma rapariga com a mão no queixo», há uma rapariga vinda da Ucrânia no centro da narrativa. Na verdade, talvez não se trate exactamente de uma história, antes de um fragmento temporal

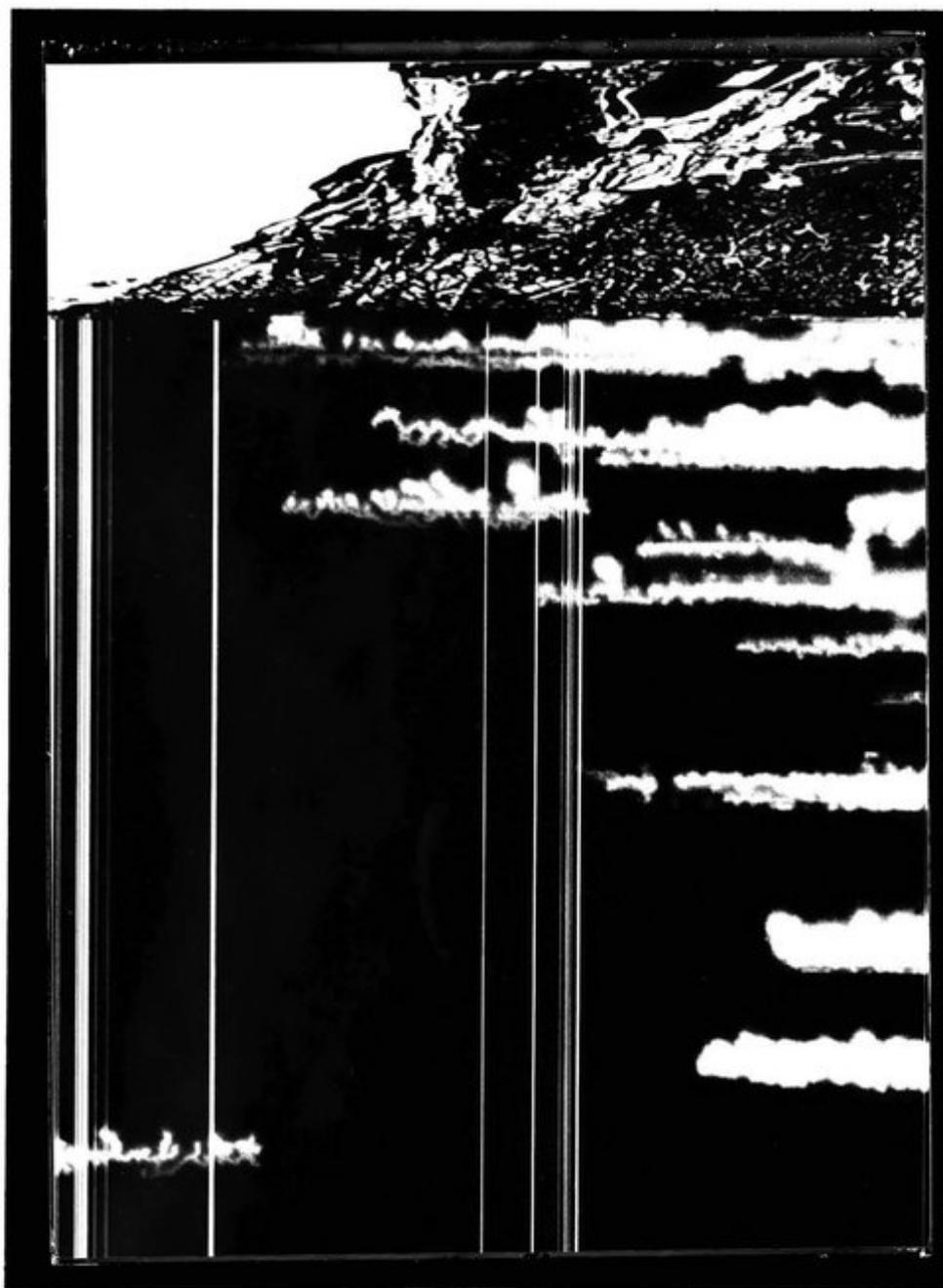
***«Nada se perde,  
tudo o que vemos  
permanece  
connosco.»***

***Fotocópias***

# Fotocópias

## John Berger

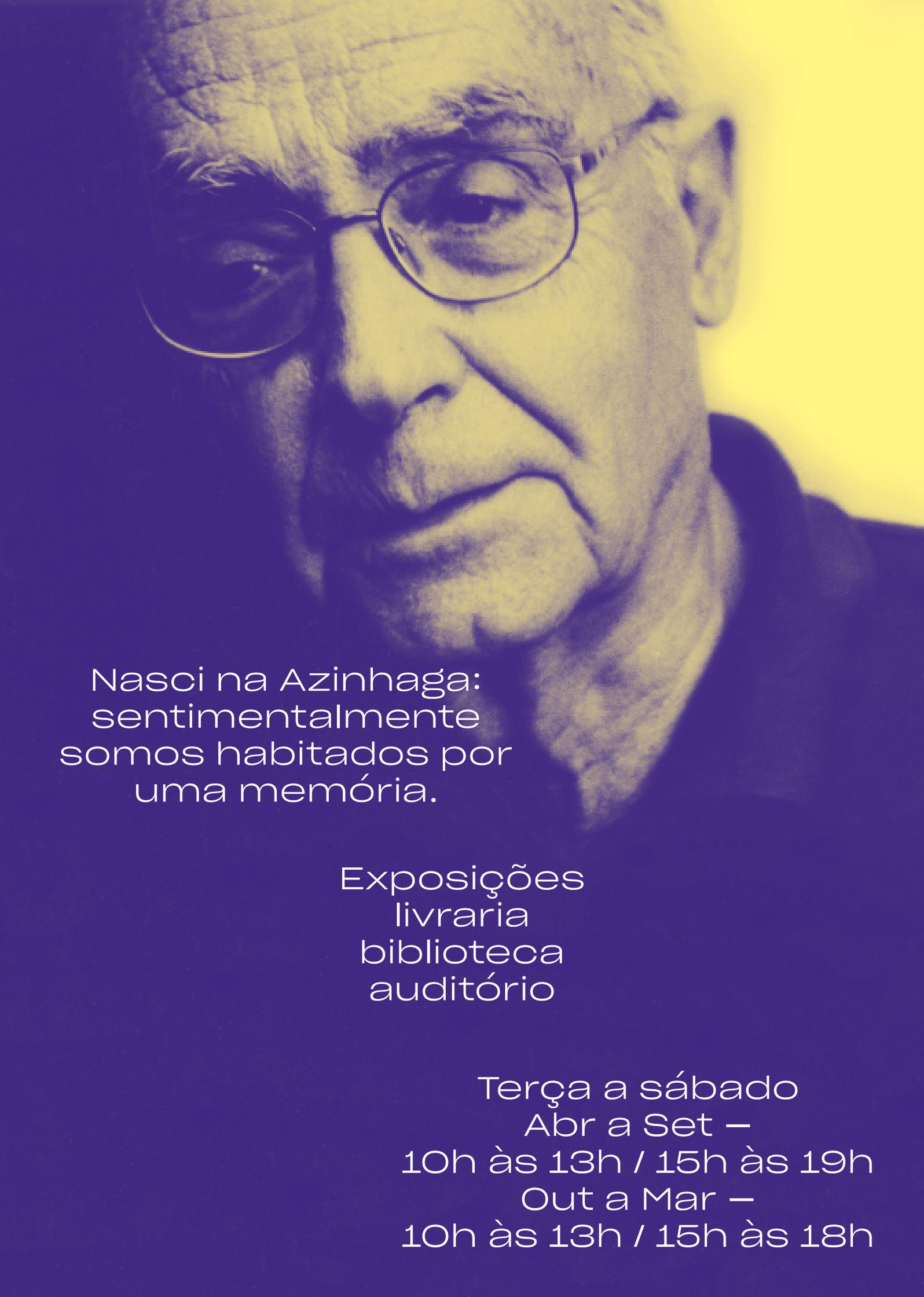
Tradução  
Inês Dias



ANTÍGONA

onde Berger reúne uma série de acontecimentos aparentemente sem importância, cujo significado se agiganta nos gestos e na memória guardada desses gestos: «Uma vez decidi desenhá-la, logo depois de ela ter estado a ensaiar. O piano ainda estava aberto e ela sentara-se ao lado. Semicerrei os olhos e esperei. O impulso para um desenho provém da mão, e não dos olhos. Talvez do braço direito, como no caso de um bom atirador. Por vezes, penso que é tudo uma questão de pontaria. Até tocar o Opus 110.» (pg.46)

As histórias de *Fotocópias* reflectem com a precisão possível a inquietação permanente de Berger, olhando para um quadro sem poder evitar convocar o que o rodeia, registando momentos de aparente conforto ao mesmo tempo que assume conscientemente os muitos desconfortos que podem estar na sua origem. E talvez seja essa a pontaria mais certa, a que assume que não há apenas um alvo, muito menos um ponto rubro no meio dele, e que dispersar o olhar e o pensamento pode ser o modo mais preciso de abarcar aquilo a que chamamos mundo e o nosso lugar nele.



Nasci na Azinhaga:  
sentimentalmente  
somos habitados por  
uma memória.

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set –  
10h às 13h / 15h às 19h  
Out a Mar –  
10h às 13h / 15h às 18h



AMIGO DE  
SARAMAGO  
SEJA AMIGO DA  
FUNDAÇÃO  
JOSÉ SARAMAGO  
E DESFRUTE  
DAS VANTAGENS

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)



# CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

**A Casa da Andrea**

**UM**

**PAQUIDERME**

**PROSTRADO**

**Andrea Zamorano**

amontoados no fundo do cesto. Salpico um deles com água e coloco na torradeira só um pouco, não esperava que ficasse duro outra vez.

Não quero sair de casa. Nem no quintal estou indo esses dias, a roupa seca se acumula no estendal e no cesto por lavar. Da máquina de louça retiro apenas um copo, um prato, uma faca para passar manteiga no pão duro. Às vezes parto um pedaço do próprio pão e passo direto na manteiga, depois pego na parte besuntada e esfrego na outra metade para não ter de me abaixar e abrir a porta da máquina. Limpo com um guardanapo a faca que deveria ter usado, olho para o talher que vou gerindo sem responder aos emails. Não tenho mais pão. Vou comer as bolachas de água e sal enquanto as houver. Tamanha abnegação renderia uma foto. Não faço posts em redes sociais, não comento posts. Todo mundo tem opinião sobre tudo. Eu não tenho. Já tive apetência por discussões e coragem para comer acelga e seitan, assisto à distância os cíclopes atirando calhaus numa praia que não frequento.

Não estou deprimida. Desengano-me às nove da manhã. Acordei, estive duas horas na cama, sem me levantar. Para quê? Não tenho nada, não quero nada. Um conjunto inteiro vazio da matemática onde o nada são dois colchetes com um espaço por preencher ou é um zero riscado ao meio. No meio está o vazio e se é vazio por que precisa ser atravessado por uma linha? O vazio é ao mesmo tempo que não é. Traz algo. O nada não existe. E é proporcionalmente inverso ao infinito. E o nada apetece-me infinitamente.

Se o nada fosse um objeto palpável, ou que em si mesmo é uma impossibilidade, um objeto que não se possa tocar, o nada seria um copo cheio de ar. Pois o nada é subversivo e desarruma o espaço quando nada faço. Basta olhar para a minha pia de louças, para o meu cesto da roupa, para as

minhas gavetas vazias. Tenho os pés gelados, reviro o cesto à procura de meias.

Meias inteiras, meio sujas, meio usadas, meio copo cheio de nada. Se eu tivesse ânimo tomaria um banho para aquecer os meus pés-frios. Fico horas a olhar imagens no computador, vídeos sucessivos dos dias aparentemente felizes de pessoas que não conheço. Não tenho tenacidade para pensar, os movimentos deles ocupam o espaço vazio no lugar da minha não existência.

Um chá verde enche o copo, acalentando em mim uma esperança amarelada, irritante e inútil. Bebo o Gorreana, uma amiga me trouxe do Açores quando ainda abria a porta. Nunca fui aos Açores. Talvez as plantações de sabor amargo me fossem aprazíveis. Um banho quente também seria reconfortante se depois bebesse um chá acompanhado com duas ou três bolachas Cream Crackers, se tivesse roupas limpas para vestir em seguida. Meu cabelo poroso leva uma eternidade para secar. Melhor não lavar a essas horas. Visto um robe sintético de poliéster cor de rosa. Um robe de seda seria mais bonito também mais frio. Penso no Japão, no chá verde e no horror que os gregos sentiam pelo nada, pela desnecessidade. Esse encadeamento é pouco lógico, caótico, até anti-estético diria se eu fosse uma pessoa do Classicismo. Talvez lavasse os meus cabelos com chá de camomila para ter fios dourados como ambicionavam na Antiguidade se eu os quisesse. Mas não quero, não quero nada em absoluto, quiçá apenas não-existir.

O zero era um deus para os Maias. O deus da morte. Mas eu não quero morrer, nem hoje, nem nunca. Se eu pudesse, não morreria, veria os meus filhos, os meus netos, e os filhos dos meus netos e outros que me viriam visitar. De tempos em tempos apareceriam para ver a velha encarquilhada que existia desde que o mundo não era uma

elipse em forma de olho como nos tempos do Maias. O olho do nada. E eu iria vê-los e sorrir para eles o sorriso mais minúsculo que houvesse na menor lâmina de microscópio porque ainda nessa altura, talvez, não sei, digo-o por mera especulação, talvez, quem sabe talvez, a minha abstração me representasse ainda como ausência e nesse tempo do futuro pós-tudo, eu ainda estivesse sem paciência alguma.

Enrosco os meus pés frios na cadela que se deitou na beira do sofá. Uma vez quase me apaixonei por uma menina chamada Clarisse. O mais perto que estive do que dizem amor. Clarisse lia Clarice, falava francês e nadava muito bem. Me esperava na saída do treino, fumávamos um cigarro juntas. Eu não fumava nessa altura mas era bom estar com Clarisse, sentia. A nicotina me deixava zozna e a menina ainda mais interessante.

E as pessoas têm essa mania, uma bobagem na verdade, de querer entender. Não há o que entender, entender é um não sentir. Eu sinto-me nada e isso esvazia-me e me preenche também numa dialéctica louca de uma carta de Tarot. Eu sou o Louco do Tarot, a única carta dos arcanjos que não é numerada, tanto soma, multiplica como anula o valor das coisas. Não tenho nada a esconder, não quero mostrar nada. Quem sabe faça um cachorro-quente e o coma com bolachas, quero ver o filme outra vez sentada na minha sala e esperar pelo novíssimo Capitão América. Ele pode nos salvar a todos, se quiser. Para mim basta poder errar livremente e ficar parada. Um paquíderme prostrado na forma de um repousa-pés comprado na loja chinesa do bairro, sem vontade nenhuma de me mover. Existindo na minha não existência, meias usadas aquecem a cadela. Talvez ligue a máquina de lavar loiça mais tarde. Talvez não.

assine o  
**suplemento pernambuco**

*anual* — R\$ 60  
*bianual* — R\$ 100





Agora o Sócio Gerador  
vem com o cartão para  
a cultura portuguesa.

+ experiências  
+ descontos  
+ assinatura  
Revista Gerador

Sabe tudo em  
[gerador.eu/cartao-socio-gerador](http://gerador.eu/cartao-socio-gerador)

**T  
A  
R  
A**

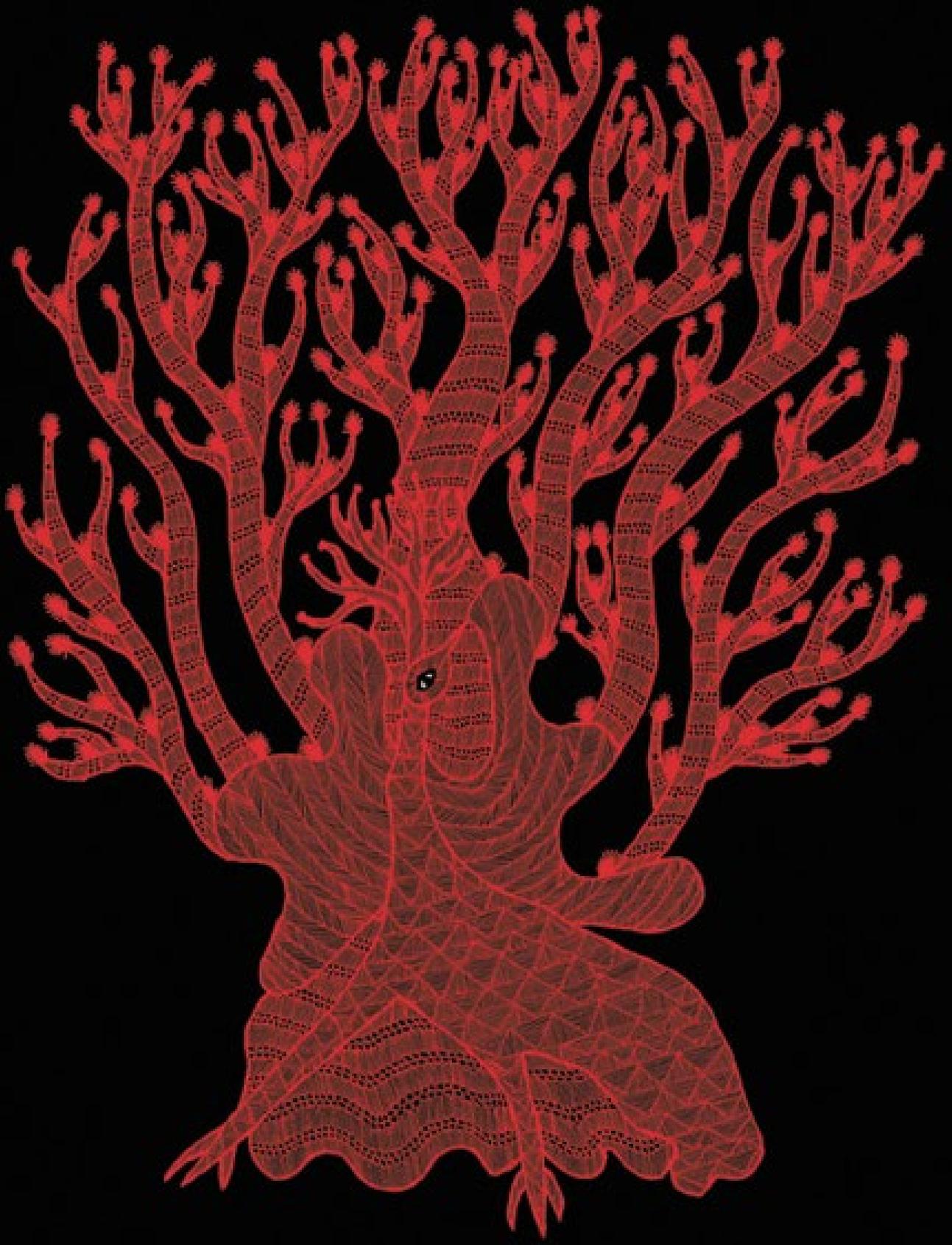
*Um quarto  
de século na  
vida da*

**B  
O  
O  
K  
S**

*andreaia  
brites*

Em 1994 nasce a Tara Books, projecto artístico, social e cultural de duas mulheres, Gita Wolf e V. Geetha, que tinham como principal objetivo criar livros como objetos reveladores da arte, dos direitos humanos e das culturas ancestrais da Índia. Sediada na cidade de Chennai, a editora foi caminhando num percurso diverso do da globalização e neutralização das identidades regionais, geográficas, artísticas, linguísticas e sociais, valorizando temas como a identidade de género, os direitos das mulheres ou a ecologia e denunciando contextos de pobreza e discriminação. Pensando sempre no livro como composição artística e numa amplitude de públicos que não se esgotam nos leitores infantis. Numa entrevista à plataforma online Paper Planes em Maio do presente ano, Gita Wolf explica o sentido ético da editora e a sua imbricada relação com a estética: «Política não significa uma ideologia em particular – é mais uma consciência aguda de como o poder opera. Podemos fazê-lo de várias formas: podemos destacar ativamente pontos de vista que não são ouvidos ou evitar publicar livros que aproveitam hierarquias de casta, classe ou género. Isso significa dar um contexto e um lugar à arte e à palavra. Também ter sempre presente as questões dos direitos humanos e da ecologia. Geralmente, quando chegamos a estes tópicos – perspectivas que se consideram estruturais – a estética é considerada frívola. Nós pensamos o oposto. A comunicação nem sempre precisa de ser feita de punho erguido. A beleza, o cuidado e a atenção que dedicamos a como um livro é folheado pelo leitor é igualmente importante.»

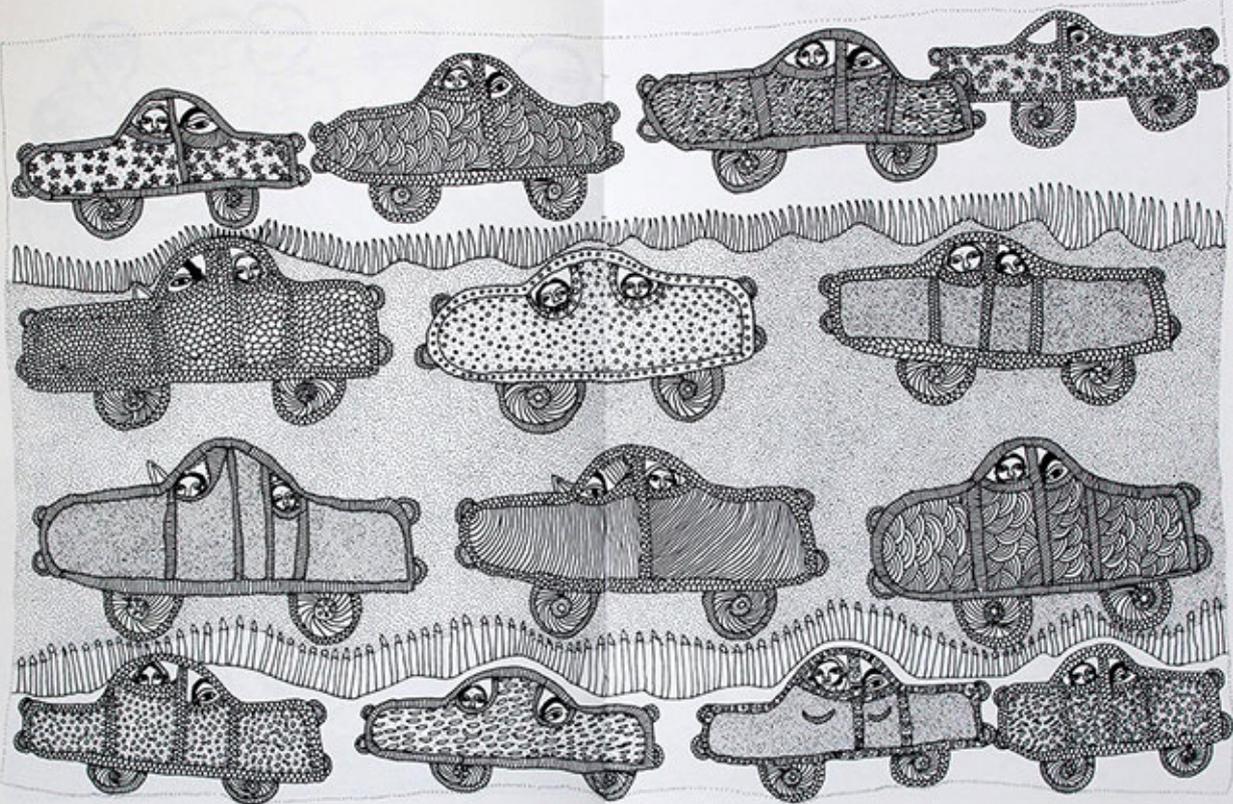
Atualmente a Tara Books conta com uma equipa de 12 pessoas entre escritores, ilustradores e designers que são igualmente donos da editora. O seu trabalho é essencialmente colaborativo e a grande maioria do catálogo nasce ali. Apesar da relação com alguns



autores estrangeiros a importação de títulos é praticamente nula, se comparada com a produção interna. Todavia, muitos textos são reescritos a partir de recolhas de narrativas da tradição oral, quer na Índia quer noutros países asiáticos. Para além da equipa editorial, há ainda uma outra que integra 22 artesãos e artesãs que se dedicam à realização de workshops e à produção manual de alguns livros do catálogo. Uma das fortes apostas ideológicas da Tara Books assenta justamente na divulgação de técnicas artesanais e na formação de artesãos e artistas. Durante a pandemia, a editora partilhou sucessivamente na sua página de Instagram momentos de produção artesanal, pequenas apresentações e conversas com autores que deram uma perspectiva mais alargada da função artística e política deste coletivo.

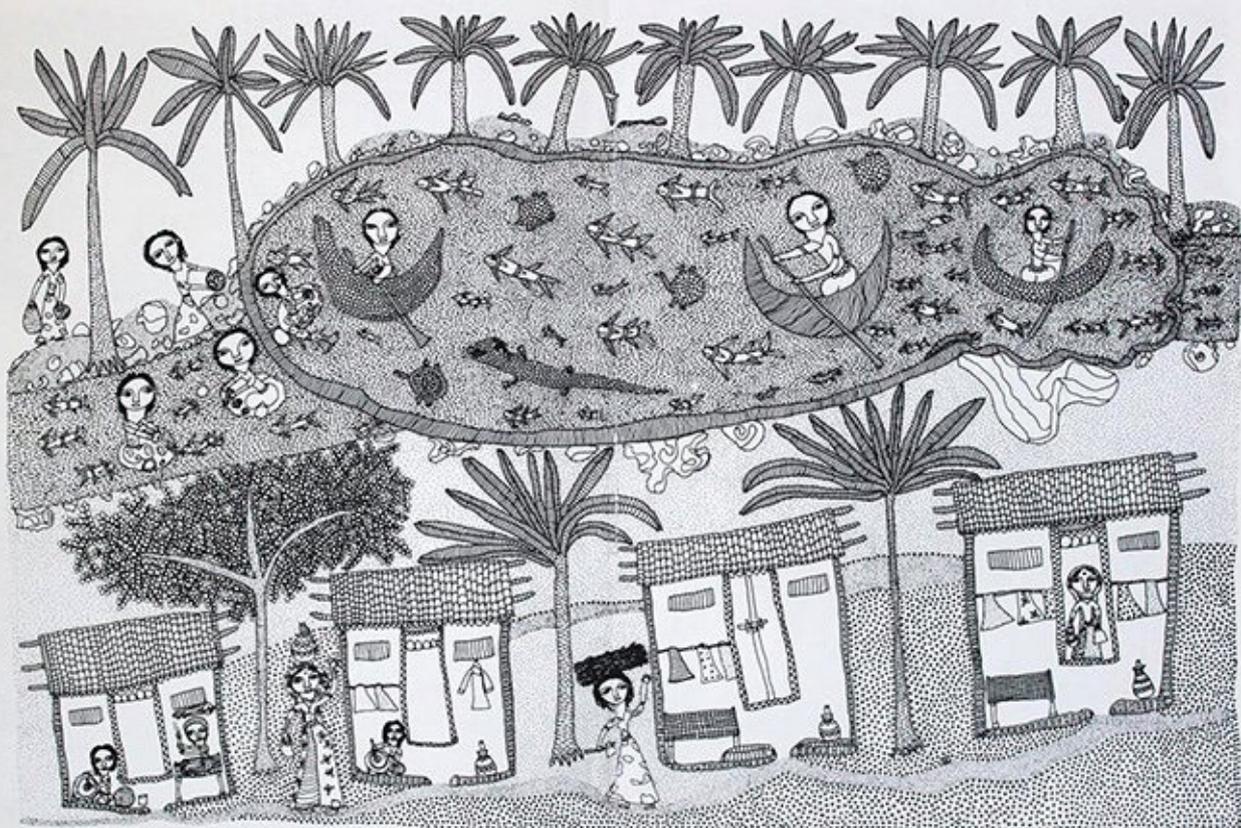
### ***Polifonia etnográfica***

Dos títulos que vêm editando, cada vez com mais regularidade, duas marcas se destacam: a produção artesanal dos livros (da tipografia e da impressão à encadernação) e a natureza das ilustrações. A demanda por dar visibilidade a artesãos oriundos de diversas tradições e ver valorizadas as suas técnicas, a sua estética e o seu fundamento filosófico é facilmente reconhecível em grande parte do catálogo da editora. Um exemplo muito presente é o da arte Gond, proveniente de uma das maiores comunidades indianas, com uma história milenar. Apesar deste tipo de ilustração ter já sofrido alterações, a sua origem assenta numa cuidadosa representação das formas, que recorre a contornos interiores e exteriores e a modulações curvas que remetem para um movimento harmonioso. A paleta de cores é restrita mas vibrante tendo em conta que todas são compostas, originalmente, com pigmentos naturais que vão de



I like cars. I wonder what it is like to move at such high speed and to be in control of where you are going. There are always two women in my cars. One drives and the other looks out of the window.

I want to be both those women.



They call me Teju. Here I am, as a little girl in our village. I feel at home indoors as well as outdoors, and my favourite place is near the stream that runs behind our hut.

Our village is green at times. But, often when the summer is hot, it is baked brown. The fields are empty and the stream dries into a cracked bed. Our house is tiny. All of us have to work for all of us to eat. It's not just us. Everyone around us lives like we do.

tipos de terra ao hibisco, passando por folhas. Na tradição Gond, os motivos representados têm uma ligação muito próxima à natureza porque se acredita que esta é sagrada e que poder observá-la traz boa sorte. Assim, era frequente que se pintassem motivos e padrões inspirados na natureza no chão e nas paredes das casas como forma de respeito e devoção. No entanto, a arte Gond não se restringe à representação da natureza e também encontra no seu folclore e no quotidiano inspiração visual.

No catálogo da Tara Books encontram-se títulos cuja ilustração é criada por artesãos Gond e ainda cujas narrativas se recontam a partir do património oral desta imensa comunidade que tem, na sua dimensão, diversas cambiantes.

Mas o método de trabalho e a lógica da editora superam a criação individual. Mais importante é encontrar vozes, quer ao nível narrativo, quer ao nível da ilustração. Vozes oriundas de diversas culturas indígenas, que integram a equipa durante mais ou menos tempo e em conjunto criam o livro do princípio ao fim. Aconteceu, por exemplo, com *Sultana's Dream*, editado em 2014 pela Tara Books. O texto data do início do séc. XX e foi escrito pela ativista e educadora Begum Rokeya Sakhawat Hossain, referência feminista para as gerações seguintes. Agora, o texto foi proposto à ilustradora Gond Durga Bai. A ilustradora tinha já um portefólio de desenhos de mulheres a praticar atividades pouco comuns na Índia, como jogar futebol ou subir a árvores. O desafio implicou a tradução do texto e a sua apropriação pela ilustradora que o recontou visualmente de acordo com a sua própria matriz identitária. Outro exemplo é o de *A Village is a busy place!* que junta uma ilustradora Patua com uma escritora e ativista Tamil para criarem um livro de atividades sobre o quotidiano da comunidade Santhal. Em *Do faz-*



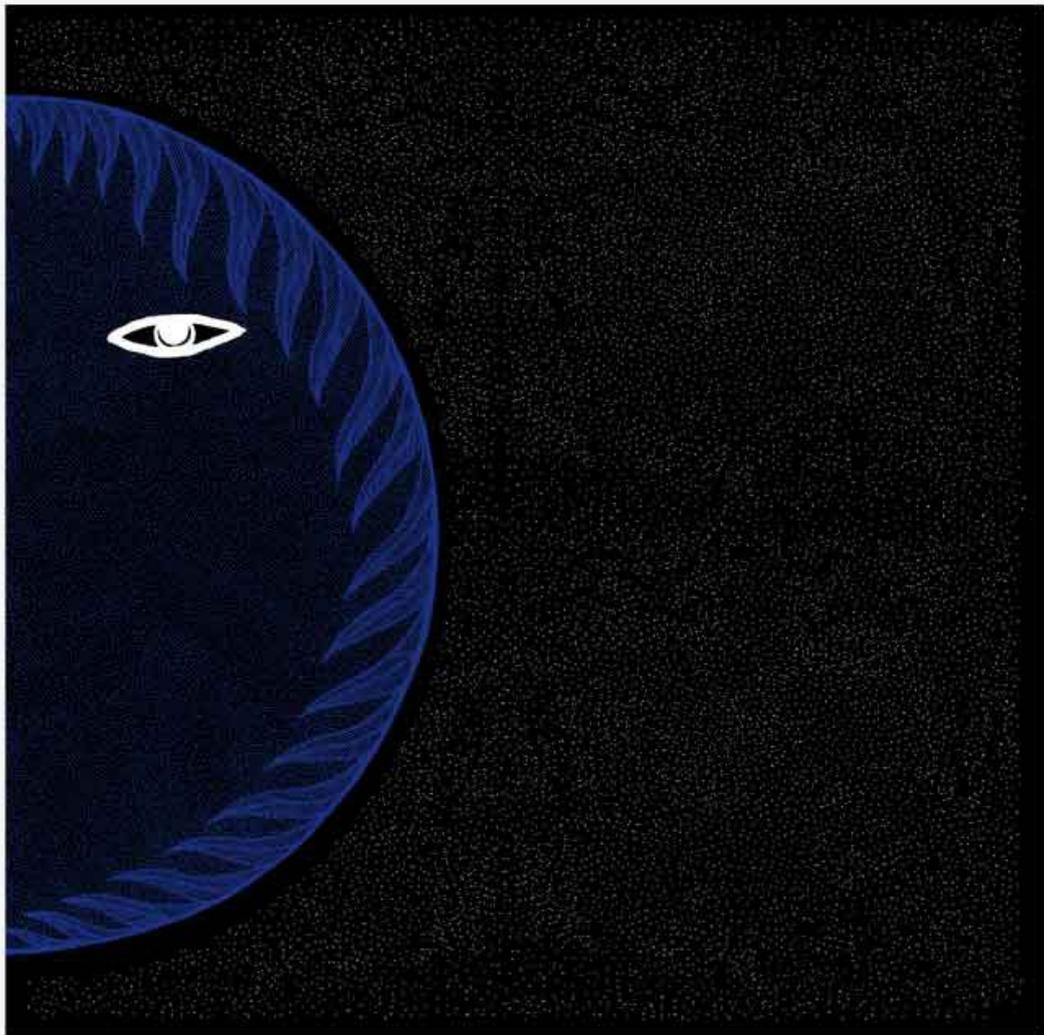
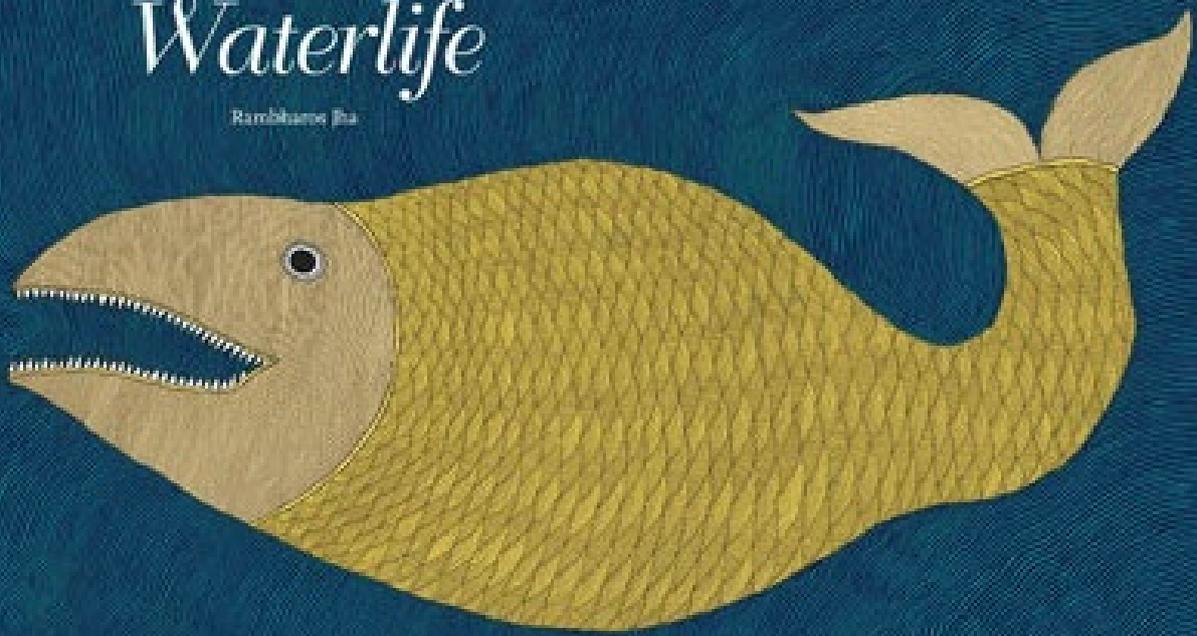
se acompanhar cada verbo por um quadro descritivo, seguindo o estilo da tribo Warli e em *Mangoes & Bananas* dá-se a ler um conto indonésio ilustrado com o estilo Kalamkari.

### ***Diversidade de técnicas***

Um outro elemento basilar na identidade do catálogo reside na concepção do livro enquanto objeto. Neste sentido, o formato, o papel, a encadernação contam tanto quanto as narrativas. Os artistas que ilustram alguns dos livros estão igualmente implicados no processo de reprodução de texto e imagem, seja ela serigrafia, gravura ou outro modelo de impressão, e na escolha e produção do formato. Isso pode implicar técnicas de corte de papel, dobragem e costura. Mas todos os aspectos são pensados em conjunto de acordo com um propósito que deve ser coerente. A arquitetura do livro desafia o leitor a experienciá-lo de uma determinada maneira ampliando o sentido do peritexto. Nesse desafio encontram-se surpresas, estranhezas, representações que dialogam com a intenção da mensagem textual e visual. Um exemplo paradigmático é o do livro *An Indian Beach: By Day and Night*. A sua estrutura circular com o mar a ocupar toda a largura no topo de cada página dá-nos a referência do espaço que se mantém e ao mesmo tempo permite-nos assistir às mudanças que vão ocorrendo ao longo do dia. Igualmente interessante é notar que a sua autora é a francesa Joelle Jolivet e que o livro foi impresso em off-set, o que significa que neste caso o processo artesanal não foi prioritário. Pode parecer um contra-senso mas não é: reitera a filosofia na Tara Books que não se restringe a um único universo, um modelo singular, uma estrutura fixa. A identidade da editora não se centra nas identidades indianas em exclusivo e por isso as parcerias com autores e programadores

# Waterlife

Rambhans Jha



japoneses leva alguns anos, com exposições de ilustradores da editora no Japão, a integração de autores japoneses nas colecções da Tara Books e a participação em Feiras no país nipónico. Aí Gita Wolf e a sua equipa realizam workshops e palestras sobre técnicas, metodologias e o funcionamento da editora, partilhando experiências diversas. Mais recentemente, a equipa esteve na Austrália em contacto com grupos indígenas para recolher e partilhar narrativas e estéticas que poderão vir a ser plasmadas para futuros livros. Outros casos bem distintos são o de *The Cloth of the Mother Goddess*, um livro em pano, desenhado e pintado que narra precisamente a origem do ritual a que o título faz referência. Serigrafia, risografia, papel feito à mão, livros em rolo, livros circulares, livros de pano, encadernações cozidas manualmente, há um pouco de tudo no catálogo da Tara Books.

### ***Um lugar no mundo***

Logo após o seu 25º aniversário, a editora independente mais prestigiada da Índia é também ela fortemente abalada pela pandemia da covid 19. Como pode uma relação criativa orgânica, que flui no quotidiano e é estimulada pelo convívio entre a equipa e entre a equipa e o público pode agora alimentar-se à distância e com horários pré-definidos? Num testemunho assinado no site Scroll.in no dia 1 de dezembro, Gita Wolf passa em revista todas as fases e todas as ações que a equipa levou a cabo, destacando, tal como outras editoras independentes, a perda de volume de vendas devido ao fecho das livrarias, a quase inexistência de venda de direitos internacionais, em grande parte pelo cancelamento das Feiras Internacionais mas igualmente pela retração das editoras a nível mundial e as dificuldades de colaboradores artesãos e autores

que viram as suas fontes de rendimento profundamente abaladas. A aposta numa comunicação continuada, a oferta de workshops, sessões com autores e leituras, o desenvolvimento do site, o fortalecimento da presença nas redes sociais e várias campanhas de descontos e outras promoções ajudaram significativamente a Tara Books a manter-se viva. Provavelmente, a visibilidade deste coletivo editorial ganhou novos públicos, dentro e fora da Índia e o reconhecimento por parte dos mercados do livro na Europa, na Ásia e na Oceania sedimentou-se ainda mais. Em Portugal, desde há anos que existem livros da Tara Books. No entanto, eram muito menos do que hoje e em muito menos livrarias. As livrarias independentes especializadas em álbum ilustrado importam livros desta editora e divulgam-nos nas suas próprias redes sociais. Mas os seus títulos ainda não chegam através da compra por editoras portuguesas que os traduzam. Exceção feita a *Capitão Coco & o Caso das Bananas Desaparecidas* publicado pela Orfeu Negro e que nos dá uma ideia mais ampla da diversidade do catálogo da Tara Books. Se o exotismo da ilustração em álbuns como *Waterlife* ou *The Night Life of Trees* os transformaram em ícones que imediatamente se associa à editora indiana, a verdade é que a oferta quer de criações artísticas quer de temas explorados é muito mais vasta e por vezes bastante menos exuberante. Este tempo de aproximação virtual terá provavelmente contribuído para que a cristalização estética que existia em torno do projeto tenha começado a ser perfurada por uma visão mais consentânea com a real identidade da editora que é tudo menos monotemática e monocromática. A diversidade em que a Tara Books investe há um quarto de século também tem de chegar ao leitor nesses moldes e não apenas através de belos livros-objeto isolados que parecem representar um todo e apenas, e bem, se representam a si mesmos.

# AND THE WINNER IS...

## PRÉMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO: 24.ª EDIÇÃO

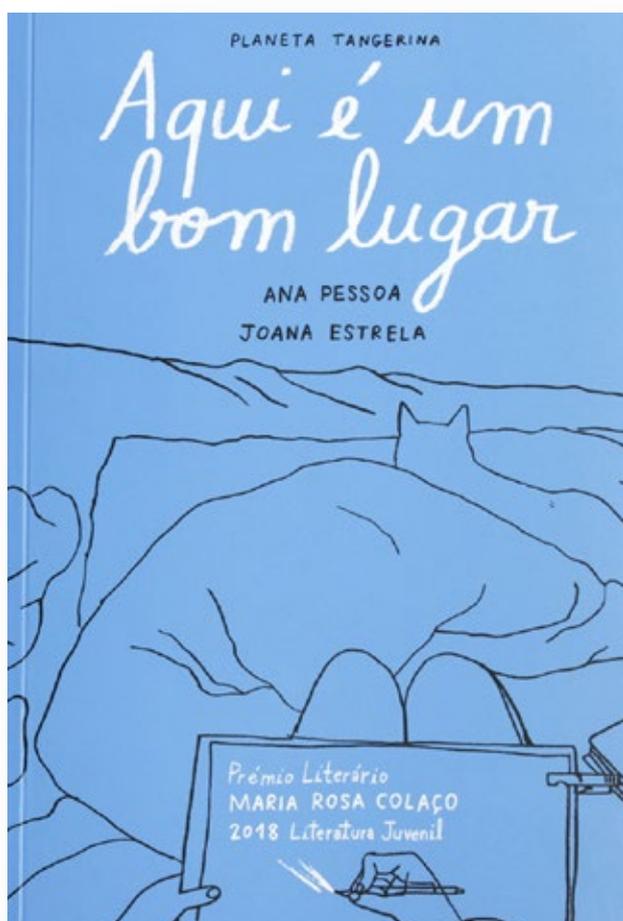
Bernardo Carvalho é o vencedor da 24.ª edição do Prémio Nacional de Ilustração, referente ao ano de 2019, pelo seu trabalho plástico no álbum *Hei Big Bang! (Ninguém disse que era fácil)*, com texto de Isabel Minhós Martins e edição do Planeta Tangerina. Não é uma estreia para o autor que já conta com outra distinção magna deste prémio em 2009, com *Depressa, Devagar* e várias menções especiais (2015, 2014, 2008, 2006).



# AND THE WINNER IS...

Joana Estrela foi distinguida com uma Menção Especial pelas suas ilustrações no Diário Gráfico *Aqui é um bom lugar* com texto de Ana Pessoa numa outra edição do Planeta Tangerina. A mesma distinção já lhe tinha sido atribuída com *A Rainha do Norte* em 2017.

A Susana Diniz e Pedro Semeano coube igualmente uma Menção Especial pela obra *Eu sou o Lobo – o rei da floresta portuguesa*, com texto de Ricardo J. Rodrigues, e publicado pela INCM/Pato Lógico.



# ESPELHO MEU ANDREIA BRITES



## *A ALMA PERDIDA* OLGA TOKARCZUK / JOANNA CONCEJO FÁBULA

É comum que diversos escritores de narrativas para adultos façam breves incursões pela literatura infantojuvenil. Infelizmente, em grande parte dos casos o resultado não espelha a coerência devida, muitas vezes graças a uma infantilização desmedida, a desequilíbrios entre a intenção temática e a composição do texto e até a uma ausência de identidade estética e literária. No caso

deste álbum, a sua estrutura não o leva nessa direção. O texto é curto e, surpreendentemente, não se encontra distribuído pelas páginas do livro, como é frequente. Ao contrário, depois de duas belas ilustrações de Joanna Concejo o leitor é convidado a ler a quase totalidade da narrativa. Esta debruça-se com parcimónia e delicadeza sobre uma perda fundacional e descreve-a com uma densa simplicidade: um homem perde a memória e a noção de si próprio. Uma sábia médica explica-lhe que tal se deve à perda da alma, cujo ritmo é mais lento que o desvario quotidiano. Por outras palavras, a perda da alma significa alienação. Sem grandes reflexões, descrições ou juízos, o texto prossegue em sucessão temporal e causal. Não há intervenções de outras personagens, não há qualquer informação contextual excepto a essencial para que o leitor sinta os efeitos dos dois comportamentos do homem, antes e depois desta ruptura interior. A lógica é singela e a economia textual deixa margem para o vazio, o silêncio do próprio texto. Se este se dirige ao público mais novo, tal não se detecta no corpus, nem isso nem o seu oposto. Apenas que a simplicidade narrativa assim o permite, tanto quanto permitirá provavelmente leituras muito distintas em função da idade, da experiência e do contexto de quem a ler. Por seu turno, a ilustração de Joanna Concejo em nada macula a clarividência da imagem textual. Poderosa e misteriosa no traço a carvão e lápis de cor, a narrativa visual continua a linha de acção interrompida quando o homem espera pela sua alma. Em nenhum momento alguma palavra lhe dá corpo ou forma, é a ilustração que o faz. E com ela cria um percurso paralelo, pleno de enigmas, por onde a alma terá passado até reencontrar o homem. O diálogo entre o exterior, onde deambula a alma e o interior, onde o homem aguarda,

rodeado de plantas ávidas de crescimento, é também um diálogo sobre a observação de si próprio e do mundo, com a janela e a porta a mediarem este desejo de encontro. Até lá, todos os tons são neutros, cinzas e sépias. Depois do encontro emergem os verdes e vermelhos de folhas e flores, sempre com o detalhe de contrastes e formas que representam cada momento e cada espaço com textura e profundidade. À poética do texto a ilustração traz camadas de densidade que levam à lentidão de observar. O livro cumpre-se assim na totalidade, na forma e no conteúdo e existe como razão que justifica a sua própria tese; é um objeto de arte.





# *O LEÃO SEM JUBA, O ELEFANTE SEM TROMBA E A CASA SEM TELHADO*

**RITA TABORDA DUARTE / RACHEL CAIANO  
CAMINHO**

Não é novidade reconhecer a mestria do jogo semântico e lexical na escrita de Rita Taborda Duarte. A sua atenção à plurissignificação e a sua capacidade de se desvincular do literal conferem-lhe uma originalidade questionadora e a espaços desarmante. Mais uma vez, é exatamente disso que se trata nesta narrativa longa. A previsibilidade da estrutura, que segue a experiência dos três protagonistas, o leão, o elefante e a casa, a quem falta algo que supostamente elementar, pode surpreender mas é justamente essa previsibilidade que

permite a experimentação do sentido sem tornar o texto hermético ou ilegível. Partindo de uma lógica de felicidade – os três sentem-se muito bem por não terem juba, tromba ou telhado – o narrador segue descrevendo a pretensa utilidade dos instrumentos para todos os pares. A diferença está então assumida. Sobre qualquer carência, nem uma palavra. Ao leitor resta questionar-se sobre a efetiva necessidade do que se habitua a entender como essencial. Mas o golpe fatal chega com a desconstrução final, numa prolongada catarse de acidentes. Um tornado que desregula a ordem instalada no mundo, cria caos e lança novas combinações. Se é possível que existam ornitorrinhos ("um pato foi parar à Austrália e ficou com uns pelos de rato e umas maminhas que encontrou espalhadas e que, assim por assim, resolveu guardar para si") ou peixes abissais ("Um peixinho do fundo do mar apoderou-se de umas dentuças de tubarão e mais de uma lanterna que, durante o furacão, tinham ido parar ao fundo do mar;"), então porque não podem existir leões sem juba, elefantes sem tromba e casas sem telhado? Ora acontece que o furacão provoca ainda mais desarranjo mental: se se comprova cientificamente uma anomalia, não há porque não sermos arrojados na troca e encontrar razão de ser em uniões nunca antes previstas. E entre os três as trocas acidentais resultam na perfeição, não apenas a cada um como aos três em união. Tudo não acaba ali e logo se antecipa o que acontece à minoria...

Rita Taborda Duarte tece assim um manifesto à liberdade e ao direito à escolha, com direito a acasos, a decisões, a palavras de ordem e a encontros felizes. Do pretense absurdo se cria um discurso de humor muitíssimo sério. Ou as palavras seriam de uma pobreza confrangedora.

sara

---

*diálogo com José Saramago:*

ma

---

*recepção crítica*

gui

---

*por Kathryn Bishop-Sanchez*

ana

---

# Esta série de *Diálogos* de Carlos Reis junta,

numa mesma e única empresa, a excelência académica de um professor e estudioso da literatura portuguesa com perguntas, guiadas por uma curiosidade e um conhecimento amplo e profunda da literatura, que nos abrem uma janela para o universo criativo e único de José Saramago. Carlos Reis, no campo da literatura portuguesa e europeia em geral, não necessita de apresentações. É reconhecido mundialmente como o maior estudioso da nossa época da obra do grande novelista decimonónico Eça de Queirós, de cuja edição crítica é diretor, e é autor de vários livros e coleções de ensaios sobre Eça, assim como de dezenas de artigos. Por outra parte, é especialista em neo-realismo, literatura contemporânea e interessa-se apaixonadamente pela construção da personagem literária. Como vem a propósito da génese dos *Diálogos*, em 1997 Reis já tinha publicado, en-

tre outros volumes, oito livros sobre a construção do texto literário. Além disso é autor, junto de Ana Cristina Lopes, de uma obra de referência, o *Dicionário de Estudos Narrativos*. De maneira que quem desembarca na bela ilha de Lanzarote em janeiro de 1997, para sorte dos estudiosos acadêmicos ou dos leitores da obra de Saramago, é um especialista estabelecido na construção da narrativa literária. Reis sabe fazer a Saramago as perguntas que o levam a falar da sua formação de escritor e da sua arte literária de uma maneira acessível, ampla e direta. Durante três dias e quatro sessões, Reis e Saramago colocam mãos à obra. Durante cerca de sete horas, o escritor português cidadão honorário de Lanzarote e o professor açoriano radicado em Coimbra dialogam. Não se trata de um diálogo no sentido que muitas vezes damos à palavra, uma conversa desenvolvida e casual que vai de um tema a outro sem um rumo definido. Não foi assim que Reis previu esse encontro, sabendo qual era o resultado final que lhe queria dar: este livro. Foram diálogos intensos e sistemáticos para poder registrar o pensamento, as opiniões, os testemunhos do escritor sobre a sua criação literária, mas não só isso. Não é, então, surpreendente que o próprio Saramago o descreva desta forma em seu diário, no dia 25 de janeiro de 1997: «Estou um pouco assustado, pois não é o mesmo ser entrevistado mais ou menos despachadamente por um jornalista e ser alvo das atenções e curiosidades de um professor universitário que me propõe os seguintes [dez] temas de conversa». De facto, antecipadamente Carlos Reis havia enviado a Saramago uma série de assuntos para orien-

tar esses diálogos. Além do conteúdo precioso e de grande utilidade que é o resultado deste encontro, o livro de Carlos Reis é um exemplo de método para quem quer fazer uma entrevista e fazê-la bem: de uma forma ponderada e organizada, o livro progride por esses dez assuntos que incluem a história literária e pessoal do escritor, a condição de ser escritor e a instituição literária, a questão da linguagem literária e, sobretudo, assuntos diferentes que se aproximam ao que mais interessava a Carlos Reis: a técnica literária de José Saramago. As perguntas abordam assuntos fundamentais do universo criativo do escritor, tais como a criação poética e o discurso da poesia, a configuração e a estrutura narrativas, ou movimentos e transformações da literatura, terminando com «diálogos virtuais» (citações de autores escolhidas por Reis). O que vemos ao longo dessas perguntas e respostas é uma aproximação ao processo criativo de Saramago, do primeiro romance, hoje quase esquecido, *Terra do Pecado*, de 1947, até uma obra fundamental de Saramago para entender o seu trabalho de artista, o *Manual de Pintura e Caligrafia*, publicado pela primeira vez em 1977, passando por todas as obras que até 1997 tinham sido publicadas. No ensaio-prefácio que abre o volume e ao longo dos *Diálogos*, Reis conclui que, para Saramago, a procura da verdade artística contém o «presságio do descobrimento do poder mágico e inventivo de símbolos, alegorias e estranhos personagens que povoaram abundantemente a ficção deste escritor». As perguntas de Reis vão do prático e local (como é a vida quotidiana do autor, o seu ritmo de trabalho, o pro-

cesso de revisão...) a assuntos mais globais como e questão fundamental de Deus no universo de Saramago, inevitável desde a publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Venho referindo-me a este livro como de autoria de Carlos Reis, e assim é, mas a expressão exige ponderações. Como Reis sugere no prefácio acima referido, os *Diálogos com José Saramago* são do escritor, mais do que seus. Pela intuição, pela indagação, e em ocasiões pela interlocução argumentativa e provocativa, os diálogos que aqui temos são um esboço da poética de Saramago, uma luz sobre assuntos significativos para o próprio escritor, os seus leitores e o conhecimento de uma literatura em geral. A voz predominante é, e assim terá pretendido Reis, a voz de José Saramago, que está no centro do palco, guiada por Carlos Reis com as suas perguntas cuidadosamente escolhidas – pedindo mais explicações ou reformulando questões para nosso maior entendimento. Com visível boa vontade, Saramago tece as suas respostas, e a grande maioria delas constituem afirmações substanciais de um escritor que, como o próprio Reis, quer chegar a uma maior compreensão do acto de escrever. Também são diálogos nos quais nós, os leitores da transcrição desta convivência, entramos, já que nos é permitido de certa maneira dialogar com as obras publicadas até 1997, e também com algumas que já estavam em preparação. Como já havia antecipado, a primeira versão de *Diálogos com Saramago* apareceu em 1998, mais especificamente com a data de impressão de dezembro de 1998, um momento em que Portugal era, sem dúvida, um país levantado em alegria. No entanto, não só Portugal e os países de língua portuguesa

compartiam esta alegria, se não todos aqueles simpáticos ao universo luso e os leitores apaixonados pela obra de José Saramago espelhados pelo mundo. Os eventos de dezembro de 1998 – recordados num belo e muito esperado volume do jornalista Ricardo Viel, *Um país levantado em alegria: 20 anos do Prémio Nobel de Literatura de José Saramago*, tiveram um impacto muito difícil de determinar, mas uma coisa é certa, participavam desta alegria, amplamente compartilhada, inumeráveis hispanofalantes e admiradores de Saramago. Sobre o prémio, como nos recorda uma citação incluída no texto de Ricardo Viel, Saramago demonstrou felicidade pelo facto de o Nobel ter sido, também, recebido como «património hispano-americano» por sentir-se mais perto «da gente de Chiapas e do Brasil» do que de Paris. Assim também se expressa Gabriel García Márquez, Prémio Nobel de 1982, por fax, do México, enfatizando a alegria que o prémio causara nos países de língua espanhola, como se fosse (escreve García Márquez) «um triunfo nosso». Para finalizar, quero, de novo, enfatizar a data em que estes diálogos foram construídos: estamos mais de um ano antes do Prémio Nobel. Os *Diálogos* carregam as marcas de um tempo e de um espaço literário específicos, vinculando palavras, ideias e argumentos de um escritor que pré e pós-Nobel escreveu com a mesma intrepidez, claridade e autenticidade. Estes *Diálogos* carregam a marca de um tempo e de um espaço literário específicos, certamente, mas passados mais de vinte anos da sua génese, através das edições sucessivas e da versão castelhana que La Umbría y La Solana publica, somos testemunhas da sua validade e resistência ao passo do tempo.

## Sobre a tradução castelhana

*Diálogos con José Saramago*, versão em castelhano de *Diálogos com José Saramago*, aparece alguns anos depois da segunda edição portuguesa do texto, publicada em 2015 pela Porto Editora (a primeira edição portuguesa surge em 1998, com a chancela da Editorial Caminho). A versão espanhola da editora La Umbría y la Solana é uma tradução da segunda edição portuguesa do livro e que apresenta algumas poucas modificações em relação à primeira edição: notas prévias adaptadas, substituição do texto «Palavras para uma homenagem nacional” (discurso proferido por Carlos Reis em homenagem a José Saramago no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, em outubro de 1998) pelo texto «A Estátua e a Pedra ou a magia das ficções» (texto lido em maio de 2013 durante a apresentação desse ensaio de José Saramago) e a eliminação de um breve texto de Saramago que servia de «abertura» da primeira versão, uma página do seu diário de 25 de janeiro de 1997 que se encontra nos *Cadernos de Lanzarote V*. O trabalho árduo e eficiente da versão em castelhano é assinado por uma tradutora profissional, Susana Gil Llinás. Licenciada pela Universidade de Extremadura, é mestre em tradução pela Universidade de Évora, onde leciona atualmente Espanhol e Tradução no Departamento de Linguística e Literatura. No seu currículo de traduções estão estudos académicos e vários romances, incluindo um livro de literatura juvenil. Entre as suas traduções mais recentes estão *Frontera y Guerra Civil Española*. *Dominación, resistencia y usos de la memoria*, de Dulce Simões,

de 2013, *El secreto de Barcarrota*, de Sérgio Luís de Carvalho, de 2014, e *Cine português do século XXI*, de José Vieira Mendes, de 2018. Traduzir *Diálogos com José Saramago*, por ser um texto ensaístico mesclado com a fluidez de uma conversa às vezes desinibida, exigiu da tradutora um rigoroso manuseio do estilo e amplo conhecimento da obra saramaguiana. Pela competente e sofisticada tradução do texto original, Susana Gil Llinás oferece-nos uma leitura clara, prazerosa e rica em informações, e os *Diálogos com Saramago* chegam aos leitores de países hispânicos onde o grande romancista tinha muito incontáveis admiradores. É importante enfatizar a inclusão deste texto na prestigiosa editora La Umbría y la Solana que nos últimos anos se estabeleceu como veículo de textos portugueses em tradução castelhana através da robusta Coleção de Autores Portugueses, dirigida por Antonio Sáez Delgado, que conta com textos de Padre António Vieira, Antero de Quental, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Lídia Jorge, entre outros. De maneira que não duvidemos que estes *Diálogos*, traduzidos por Susana Gil Llinás, passarão a ser também uma obra de referência entre o público hispanofalante.

#### Obras citadas

Reis, Carlos. 1998. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho.

— 2015. *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora.

— 2018. *Diálogos con José Saramago*. Traducción Susana Gil Llinás. Madrid: La Umbría y la Solana.

Viel, Ricardo. 2018. *Um país levantado em alegria. 20 anos do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago*. Porto: Porto Editora.

Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

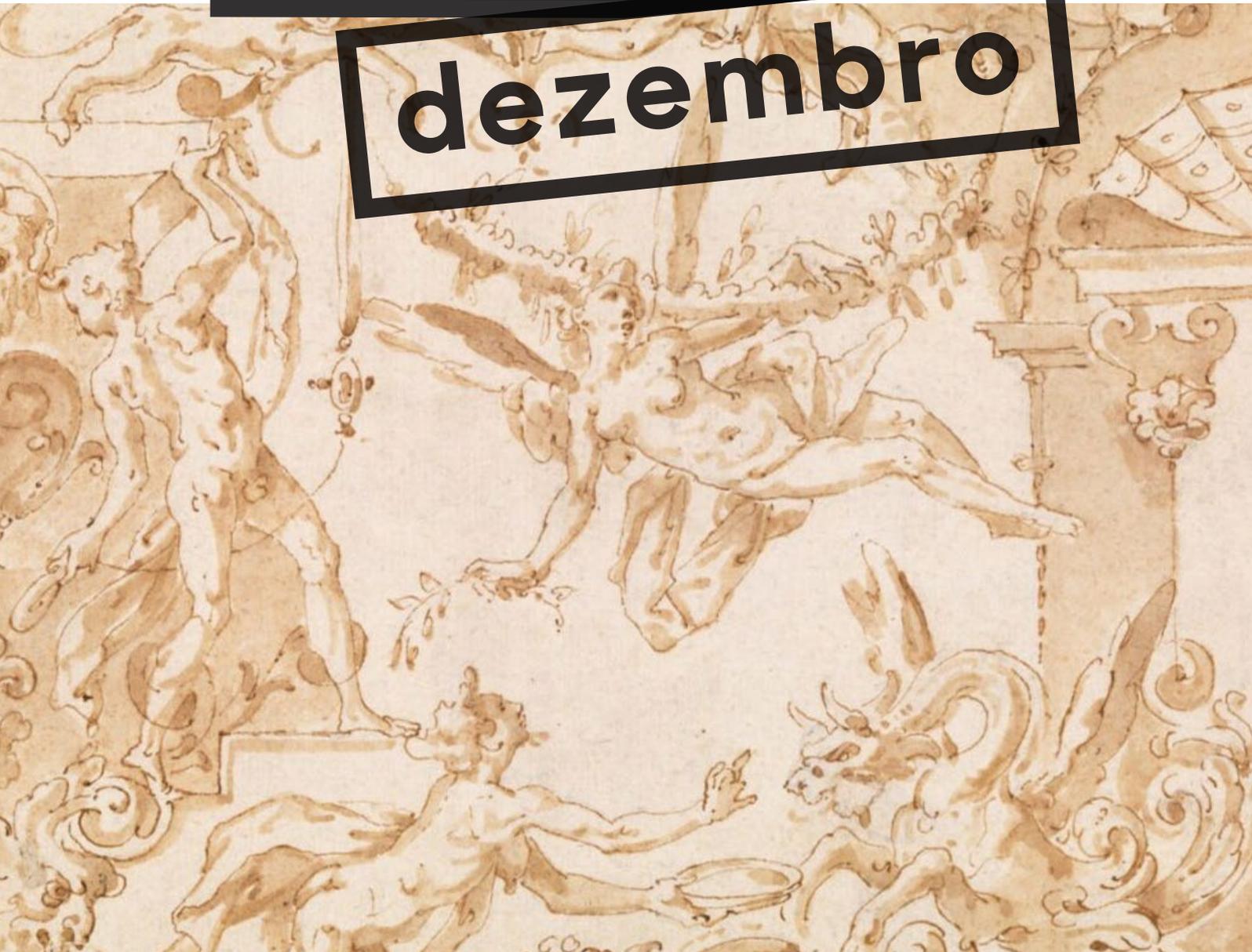
# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands  
[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)

novembro

dezembro



MARCO MARCHETTI DA FAENZA

***Desenhar para Ornar —  
Desenhos Europeus dos  
Séculos XVI a XIX***  
***Até 6 dezembro***

Exposição de trabalhos de decoração, cenografia e ornamentações várias que vão do século XVI ao início do XIX, com objetos e linguagens gráficas muito diversificadas. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. ▶

# ***O V/Nosso Futuro É Agora*** ***Até 6 dezembro***

Exposição de instalações de grande escala do artista dinamarquês-islandês Olafur Eliasson, para ver nos jardins de Serralves. Porto, Museu de Serralves. ▶



# ***A Imagem Contextualizada Até 18 dezembro***

Quatro projetos individuais de natureza fotográfica de jovens autores em torno da fotografia e do seu potencial mnemónico.: Ânia Pais (1998), Beatriz Banha (1995), Cláudia Sequeira (1997) e Francisco Painço Santos (1998). Lisboa, Arquivo Fotográfico Municipal. ▶

FILIPA VENTURA



# Los Cuadernos de Picasso

## Até 5 abril

Percurso pelos cadernos de esboços de Pablo Picasso, onde se cruzam as primeiras anotações de algumas obras conhecidas e outras que nunca chegaram a concretizar-se. Barcelona, Museo Picasso. ▶



# ***Festival Internacional de Música da Primavera 1 a 19 dezembro***

A 13.<sup>a</sup> edição deste festival, promovido pelo Conservatório de Música Regional de Viseu, foi obrigada a mudar de estação, acontecendo este ano em pleno dezembro. Viseu, Teatro Viriato. ▶

© GERADOR



# ***Festa Literária Internacional de Paraty 3 a 6 dezembro***

A 18.<sup>a</sup> edição da FLIP, no Brasil, acontecerá no espaço virtual, com as mesas, debates e workshops ao alcance de um ecrã com ligação à internet. ▶



PLANETA TANGERINA

PLÁSTICO  
MARÍTIMO  
UMA ESPÉCIE INVASORA



ANA PÊGO  
BERNARDO P. CARVALHO  
ISABEL MINHÓS MARTINS

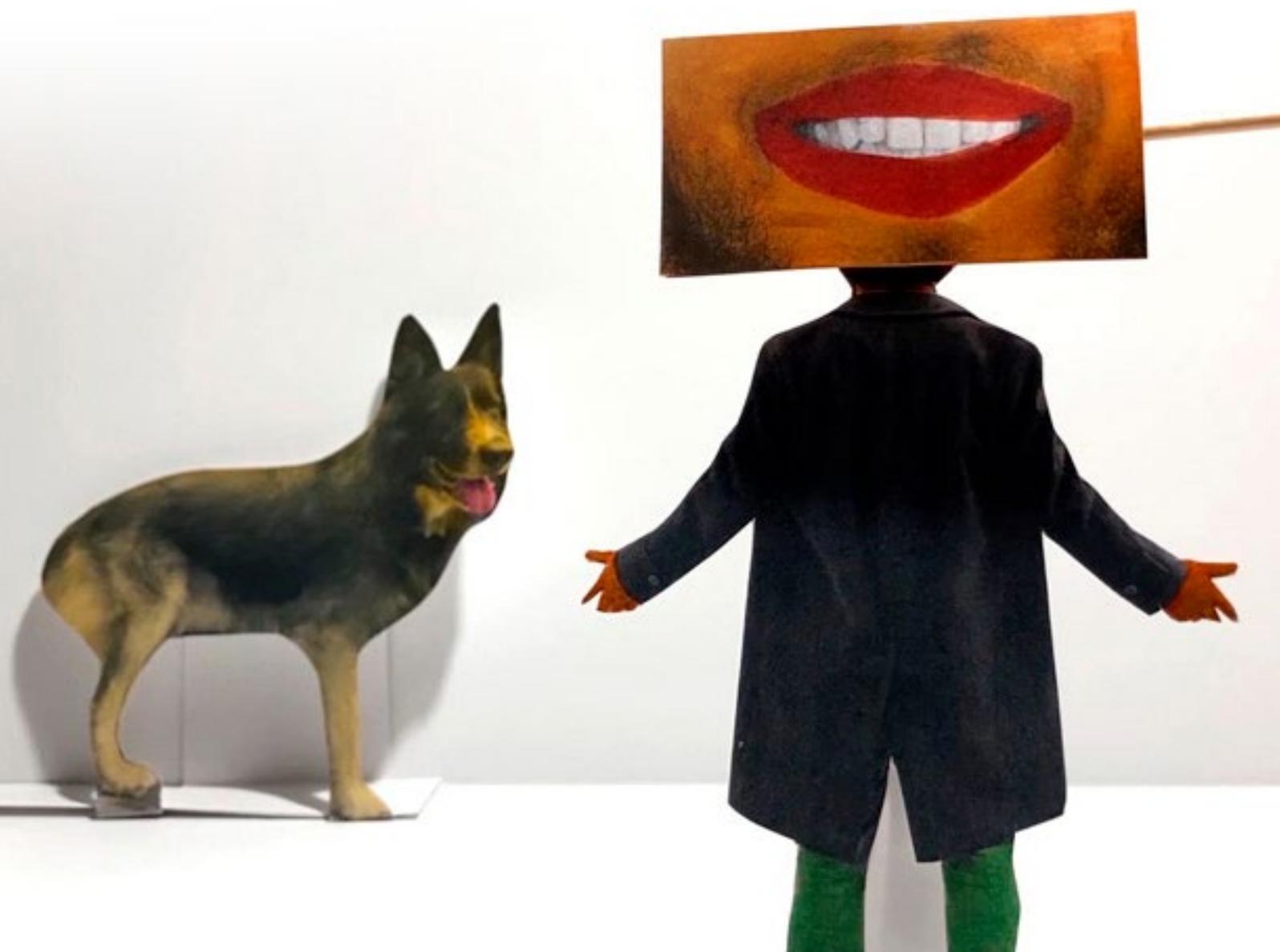
# ***Olhares Sobre o Mar*** ***5 dezembro***

A última sessão do ciclo de palestras breves com especialistas, conhecedores e amantes do mar, com a bióloga marinha Ana Pêgo, para acompanhar on-line a partir do Centro Cultural de Belém. ▶

# ***Faust***

## ***11 e 12 dezembro***

O Teatre Lliure, de Barcelona, criou uma sala on-line com programação especialmente pensada para ser vista num ecrã. Em Dezembro, estreia *Fausto*, de Goethe, com encenação de Anna Maria Ricart, para espectadores a partir dos 6 anos. ▶





# ***Aurora Negra***

## ***18 dezembro***

Espectáculo de (e com) Cleo Tavares, Isabél Zuua e Nádía Yracema, distinguido com a 2ª edição da Bolsa Amélia Rey Colaço. Entre memória, corpo e poder(es), uma narrativa que é uma discussão na qual importa participar. Guimarães, Centro Cultural Vila Flor. ▶

***Às vezes, disse, deveríamos regressar a certos gestos de ternura antigos, Que sabes tu disso, não viveste nos tempos da reverência e do beija-mão, Leio o que contam os livros, é o mesmo que lá ter estado [...]***

***A Caverna, José Saramago***